UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE MEDICINA/DEPARTAMENTO DE NUTRIÇÃO

GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

Bruna Luiza Holand

# EFEITOS DO GENGIBRE SOBRE NÁUSEA E ÊMESE NA GESTAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Porto Alegre
2017

Bruna Luiza Holand

# EFEITOS DO GENGIBRE SOBRE NÁUSEA E ÊMESE NA GESTAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Nutrição, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Departamento de Nutrição.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a] Ionara Rodrigues Siqueira.
Coorientadora: M.Sc. Kamila Castro Grokoski.

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Holand, Bruna Luiza
Efeitos do gengibre sobre náusea e êmese na gestação: uma revisão sistemática / Bruna Luiza Holand. -- 2017.
83 f.

Orientadora: Ionara Rodrigues Siqueira.
Coorientadora: Kamila Castro Grokoski.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Curso de Nutrição, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. gestantes. 2. náuseas. 3. vômitos. 4. gengibre. 5. antiemético. I. Siqueira, Ionara Rodrigues, orient. II. Grokoski, Kamila Castro, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bruna Luiza Holand

# EFEITOS DO GENGIBRE SOBRE NÁUSEA E ÊMESE NA GESTAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Nutrição, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Departamento de Nutrição.

Orientadora: Profª. Drª Ionara Rodrigues Siqueira.
Coorientadora: M.Sc. Kamila Castro Grokoski.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2017

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Efeitos do gengibre sobre náusea e êmese na gestação: uma revisão sistemática", elaborado por Bruna Luiza Holand, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Nutrição.

Comissão Examinadora:

_____
Profª Drª Simone Morelo Dal Bosco - UFCSPA

_____
Profª Drª Martine Elisabeth Kienzle Hagen - UFRGS

_____
Profª Drª Ionara Rodrigues Siqueira – UFRGS – Orientador

## AGRADECIMENTOS

À minha professora orientadora Ionara Rodrigues Siqueira, por todo o aprendizado que me proporcionou no desenvolvimento deste trabalho, e por todo o carinho.

À minha coorientadora Kamila Castro Grokoski, pelo imprescindível auxílio na realização deste trabalho, pelos ensinamentos, pela paciência e amizade.

Acredito que ninguém chega a lugar algum sozinho, e que batalhas se vencem junto. No decorrer destes anos, tive o privilégio de ter ao meu lado pessoas que me ajudaram a concluir essa fase. Pois estiveram sempre comigo, nos bons e maus momentos, me apoiando e estimulando para que eu buscasse sempre aquilo que me fizesse feliz.

Meus pais com certeza fazem parte deste time. Agradeço a vocês, por todo o amor, carinho e dedicação que sempre me proporcionaram. Pai, obrigada por acreditar em mim, mesmo quando desacreditei e por me ensinar a batalhar pelos meus objetivos. Obrigada por me ensinar os maiores e melhores valores da vida: amor, gratidão, bondade, caráter. Tu tens todos de sobra, nunca te esqueças disso. Mãe, a tua garra, determinação e alegria sempre me guiaram. Obrigada por sempre ter sido acima de tudo uma amiga, ouvindo meus anseios, dúvidas e me mostrando o caminho mais fácil a seguir, porém me deixando livre para fazer minhas próprias escolhas. Obrigada por todo o cuidado e zelo. Dinda: obrigada por ser aquele pedaço de chão que me apoio sem tremor! Ao meu amor Gilson, meu noivo, companheiro, amigo, muito obrigada por estar sempre ao meu lado e por secar minhas lágrimas sempre que elas caíram. Amo vocês, obrigada por me ensinarem a “viver”.

Às minhas amigas, companheiras, principalmente Mariana e Helena, com quem compartilho ideologias, alegrias, tristezas. Sem dúvidas, o que esses quatro anos e meio me trouxeram de mais valioso foi a amizade de vocês. Obrigada por todas as risadas, conversas, jantas, almoços, cafés. Tudo valeu a pena! Amo vocês.

## RESUMO

Introdução: Náuseas e vômitos durante a gestação são sintomas que afetam aproximadamente 80% das mulheres. Os fármacos antieméticos convencionais são potenciais teratógenos durante o período embrionário crítico da gravidez. O gengibre (*Zingiber officinale*) tem sido utilizado como agente terapêutico há séculos, embora ainda não haja consenso sobre o uso nas náuseas e vômitos gestacionais. Esta revisão sistemática foi realizada para avaliar a evidência da eficácia e segurança do gengibre para o tratamento de náuseas e vômitos durante a gestação.

Métodos: Para a realização desta revisão sistemática foram seguidas as diretrizes estabelecidas pelo PRISMA. Foi utilizada a base de dados MEDLINE (PubMed), para a seleção de ensaios clínicos randomizados (ECRs) de gengibre e náuseas e vômitos durante a gestação. A qualidade dos estudos foi avaliada.

Resultados: Um total de 92 estudos foi encontrado na primeira pesquisa. O índice Kappa de concordância foi k = 0,617. Finalmente, após todas as etapas da seleção, foram incluídos 15 estudos. Os estudos abordaram a eficácia do gengibre em comparação com placebo, vitamina B6 e outras drogas. A dose média de gengibre foi de 1000 mg/d.

Discussão: Todos os ECRs que compararam a eficácia do gengibre com o placebo relataram resultados positivos nas náuseas e vômitos gestacionais. Quando comparado com a vitamina B6, dois estudos mostraram que o gengibre é mais eficaz na redução da náusea. Além disso, não houve efeitos colaterais significativos ou efeitos adversos nos resultados da gestação, como teratogênese. Apesar dos estudos apresentarem dados concordantes, este trabalho evidencia a necessidade de estudos com tamanho de amostra e duração maiores e comparação a tratamentos reconhecidos, com randomização e cegamento adequados para aumentar a credibilidade dos dados obtidos.



Palavras chave: gestantes, vômitos, náuseas, gengibre, antiemético.

**SUMÁRIO**

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 GESTAÇÃO

### 1.1.1 Ajustes fisiológicos na gestação

O período gestacional possui em média 40 semanas. Durante a gestação, ocorrem no corpo da mulher, uma série de ajustes fisiológicos, anatômicos e psicológicos, que são necessários para regular o metabolismo materno, promover o crescimento fetal e preparar a mãe para o parto e lactação (GRANGER, 2002; SAUNDERS, 2009). Estes ajustes estão associados a uma acentuada alteração hemodinâmica na circulação sanguínea materna, onde há um aumento do débito cardíaco e volume plasmático, e redução na resistência vascular e pressão arterial (GRANGER, 2002).

Durante toda a gestação, a mulher passa por constantes reformulações hormonais (KING, 2000). No início desta, cerca de 10 dias após a fecundação, as células trofoblásticas sinciciais produzem uma glicoproteína, a Gonadotrofina Coriônica Humana (hCG) (SAUNDERS, 2009), esta mantém o corpo lúteo – estrutura endócrina temporária – no princípio da gestação (KING, 2000). A subunidade β-hCG, que pode ser detectada na urina ou no sangue apenas alguns dias após a concepção, tem sua concentração drasticamente aumentada durante o início da gestação e possui um pico em até 60 dias, posteriormente, volta a baixar. A presença desta subunidade é um bom indicador de gestação (KING, 2000).

O corpo lúteo e a placenta são os principais responsáveis pela secreção de hormônios que mantêm a gravidez (KING, 2000). Enquanto que a placenta ainda não está bem formada, a principal fonte de secreção do hormônio progesterona é o corpo lúteo (KING, 2000; DAVIS E RUEDA, 2002). O hCG estimula o corpo lúteo a produzir progesterona, que é responsável por relaxar a musculatura lisa uterina e induzir a fase secretória no endométrio uterino (GUYTON E HALL, 2011), além de favorecer a deposição de gordura e estimular o apetite na gestação (SAUNDERS, 2009). A partir da oitava e nona semana de gestação, a síntese dos hormônios esteróides, progesterona e estrógenos, são de origem placentária. O estrogênio é responsável por reduzir as proteínas séricas, pela hiperpigmentação cutânea, aumento mamário, redução do apetite na segunda parte da gestação (SAUNDERS, 2009).

## 1.2 FISIOPATOLOGIA DAS NÁUSEAS E VÔMITOS

A fisiopatologia das náuseas e vômitos é bastante complexa, envolve vários neurotransmissores e seus receptores tanto do sistema nervoso central quanto do sistema nervoso periférico. Apesar de as náuseas e vômitos serem sintomas independentes, na grande parte das vezes a náusea antecede o vômito (QUIGLEY *et al.*, 2001). Náuseas são descritas como uma sensação desagradável na região epigástrica, que costumeiramente são acompanhadas de calafrios, produção excessiva de saliva, sudorese fria, entre outros (QUIGLEY *et al.*, 2001), e ocorrem como consequência da perda do tônus e da peristalse gástricos, juntamente com a contração duodenal. Após ocorrem as "arcadas", que são os movimentos espasmódicos do diafragma, da musculatura torácica e abdominal, o que aumenta a pressão intra-abdominal e assim há a expulsão do conteúdo gástrico, a êmese ou vômito. (GUYTON E HALL, 2011).

O controle deste processo se dá no Bulbo Raquidiano, mais precisamente no denominado centro do vômito, este recebe aferências de várias regiões encefálicas: (1) zona do gatilho – localizada na área postrema do IV ventrículo, (2) núcleo do trato solitário, (3) aparato vestibular - responsável pelo enjoo do movimento ou cinetose, (4) aferências sensoriais do trato gastrointestinal (TGI), (5) córtex cerebral relacionado à êmese induzida por dor, odores, visão e estado de ansiedade (QUIGLEY *et al.*, 2001; GONDIM *et al.*, 2009). Vários neurotransmissores e seus receptores estão envolvidos no controle do centro do vômito, como os histamínicos H1, dopaminérgicos D2, muscarínicos M1, neurocinina NK1 e receptores serotoninérgicos 5-HT3 (Figura 1) (GONDIM *et al.*, 2009).

### 1.2.1 Fármacos antieméticos

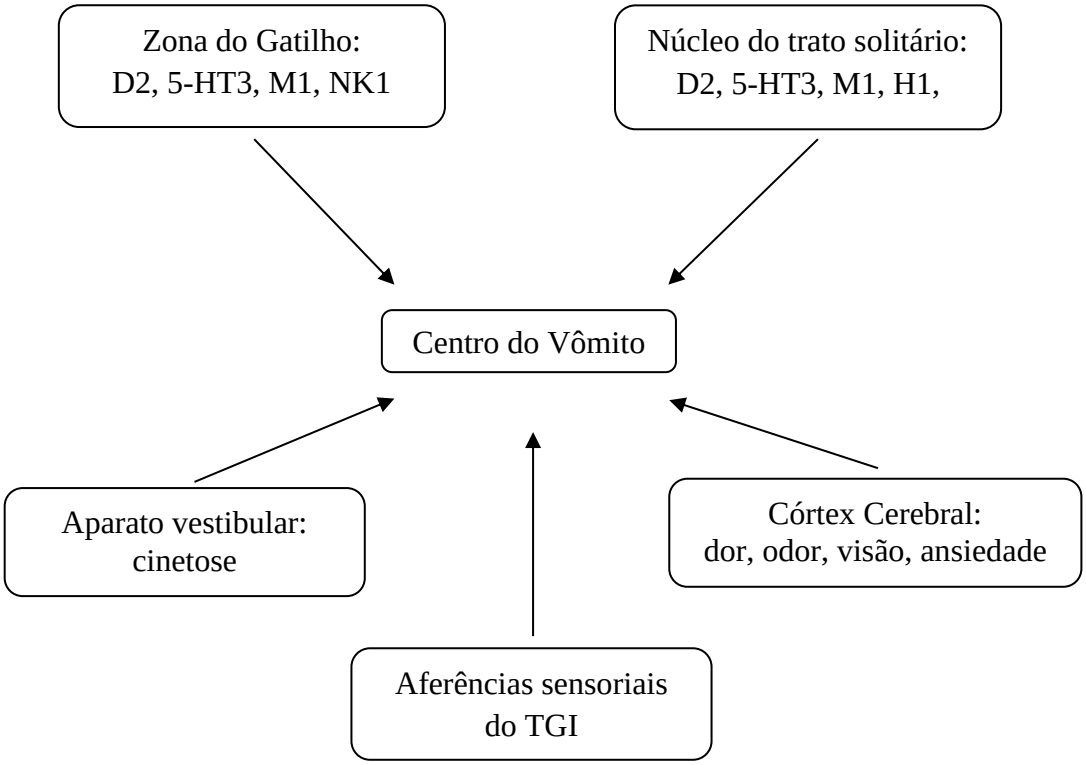
Os medicamentos antieméticos normalmente são classificados conforme o receptor nos quais atuam. Neste contexto, o conhecimento da fisiologia e de causas das náuseas e vômitos é importante para um adequado tratamento.

*Antagonistas do receptor 5-HT3*

Os antagonistas do receptor 5-HT3 atuam bloqueando os receptores 5-HT3 da serotonina (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CUIDADOS PALIATIVOS, 2011; FERNANDES, 2013). Os efeitos deste fármaco prosseguem por um longo período de tempo,

mesmo após a metabolização do próprio. Fazem parte desta classe fármacos como a ondansetrona, granisetrona, dolasetrona. As principais diferenças entre estes fármacos estão nas suas estruturas químicas, farmacocinética e na forma com que se relacionam com o receptor (BRUNTON E PARKER, 2010).

**Figura 1 - Estímulos ao Centro do Vômito. Uma série de vias aferentes transporta estímulos da periferia ao Centro do Vômito.**




Legenda: D2 – Receptores dopaminérgicos; 5-HT3 – Receptores serotoninérgicos; M1 – Receptores muscarínicos; NK1 – Receptores de neurocinina; TGI – Trato Gastrointestinal.

*Antagonistas do receptor de dopamina*

Os antidopaminérgicos têm como mecanismo de ação o antagonismo do receptor de dopamina D2 na zona do gatilho. Este grupo é composto por medicamentos com diferentes estruturas químicas, as três principais classes deste grupo são as fenotiazinas, que incluem a prometazina e a clorpromazina, as butirofenonas, onde se enquadra o droperidol, e as benzamidas, como a metoclopramida e a bromoprida (FERNANDES, 2013). A

metoclopramida também possui uma ação periférica nos receptores de serotonina 5-TH3 (BRUNTON E PARKER, 2010).

*Anti-histamínicos*

Os antagonistas da histamina, normalmente agem bloqueando os receptores H1 no núcleo do trato solitário e são eficazes no tratamento da cinetose. Esta classe tem como representantes antieméticos, os fármacos de primeira geração como o dimenidrinato, difenidramina e prometazina (BRUNTON E PARKER, 2010).

*Anticolinérgicos*

Os anticolinérgicos atuam antagonizando a acetilcolina através dos receptores muscarínicos M1, normalmente utilizados no tratamento da cinetose, possui como representantes a atropina e escopolamina (BRUNTON E PARKER, 2010).

*Dronabinol*

Um tratamento alternativo, especialmente no mercado europeu, é o THC sintético denominado dronabinol (Marinol®), um canabinóide que pode ser extraído da planta *Cannabis sativa*, popularmente conhecida como maconha. Sugere-se que seu efeito antiemético ocorra através de atividade anticolinérgica (BECKER E NARDIN, 2011) e pelos receptores canabinóides do subtipo CB1 presentes no centro do vômito (BRUNTON E PARKER, 2010).

## 1.3 NÁUSEAS E VÔMITOS NA GESTAÇÃO

Náuseas e vômitos são, provavelmente, os sintomas mais relatados durante o período gestacional. Estes sintomas são descritos por cerca de 60-80% das gestantes (GADSBY *et al.*, 1993; LACROIX *et al.*, 2000; JEWELL, 2003). Porém, em 0,3-1% dessas mulheres, estes sintomas se agravam, o que se denomina hiperêmese gravídica (GADSBY *et al.*, 1993; BASHIRI *et al.*, 1995; LACROIX *et al.*, 2000), esta condição pode levar, em muitos casos à desidratação, a perda de mais de 5% do peso corpóreo (NIEBYL, 2010), cetonúria, desequilíbrios hidroeletrolíticos, como hipocalemia (NIEBYL, 2010; TIAN *et al.*, 2016). Além destas possíveis complicações, a hiperêmese gravídica pode, devido ao desconforto, reduzir consideravelmente a qualidade de vida da gestante, afetando negativamente suas

relações sociais e, assim, o seu estado de humor (SHEEHAN, 2007; NIEBYL, 2010; PERLEN *et al.*, 2013; TIAN *et al.*, 2016).

Náuseas e vômitos gestacionais, comumente surgem entre a quarta e sexta semanas após o último período menstrual e possuem um pico entre a oitava e décima segunda semanas, momento em que se encerra o primeiro trimestre da gestação (LACROIX *et al.*, 2000; KOUZI, 2003). Sessenta por cento dos casos de náuseas e vômitos são resolvidos até o final do primeiro trimestre, e quando os sintomas se prolongam, cerca de 90% se resolve até a vigésima semana (NIEBYL, 2010).

O mecanismo exato que leva a estes sintomas na gestação ainda não foi totalmente elucidado. Uma teoria comumente aceita é a de que estes sintomas advêm devido às alterações hormonais que ocorrem durante a gravidez, onde há o aumento no nível sanguíneo de β-hCG, estradiol e progesterona (JARNFELT-SAMSIOE, 1987; SAPRA *et al.*, 2016). Uma evidência do envolvimento do β-hCG nas náuseas e vômitos na gestação é a doença trofoblástica gestacional. Nesta condição, ocorre um aumento característico de β-hCG, e ainda induz a náuseas e vômitos severos. Outra evidência é que gestantes com idade mais avançada, multíparas ou tabagistas, onde há menores níveis de β-hCG devido a um menor tamanho placentário, apresentam menores índices de náusea e vômito, enquanto que onde ocorre uma maior produção de β-hCG, por exemplo em gestações gemelares (onde a placenta possui um maior tamanho), as pacientes apresentam maiores níveis de náusea e vômito (WEIGEL E WEIGEL, 1989; DE ANDRADE, 2009; BRAGA *et al.*, 2014).

Ainda apoiando a hipótese sobre o envolvimento do estradiol e da progesterona, pode-se citar o fato de que algumas mulheres sentem náuseas ao tomar anticoncepcionais orais, os quais normalmente contêm uma combinação de estrogênio e progesterona (HUXLEY, 2000). Depue *et al.*(1987), demonstraram que mulheres com hiperêmese gravídica tendem a ter altos níveis de estradiol total, coincidindo com a hipótese de que o hormônio estradiol está relacionado com as náuseas e vômitos durante a gestação. Em outro estudo, a progesterona foi prescrita para mulheres não grávidas, onde houve uma redução na motilidade gástrica, e apresentaram como efeitos adversos, náuseas e vômitos, indicando que a progesterona pode ser envolvida nessa condição (WALSH *et al.*, 1996). Ainda, não se descarta o envolvimento de outros fatores, como psicológicos e nutricionais (KOUZI, 2003).

Devido aos diferentes graus de náuseas e vômitos, torna-se evidente a necessidade da utilização de ferramentas que auxiliem na determinação da gravidade dos sintomas e,

consequentemente, na definição do tratamento e obtenção da resposta desejada (BUSTOS *et al.*, 2016). Duas de várias ferramentas utilizadas hoje, para avaliação destes sintomas são o *Rhodes Index of Nausea and Vomiting* (RINV), e o *Pregnancy-Unique Quantification of Emesis* (PUQE) (MATTHEWS *et al.*, 2015). O RINV foi desenvolvido em 1984, originalmente para mensuração de náuseas e vômitos relacionados ao tratamento quimioterápico, foi validado em estudos de náuseas e vômitos gestacionais (RHODES *et al.*, 1984; MATTHEWS *et al.*, 2015). A ferramenta PUQE foi desenvolvida por pesquisadores do Programa Motherisk canadense baseada no RINV, porém analisa outros aspectos mais específicos da gestação (KOREN *et al.*, 2002; KOREN *et al.*, 2005; MATTHEWs *et al.*, 2015; BUSTOS *et al.*, 2016).

### 1.3.1 Antieméticos na gestação

No início da década de 60, a Talidomida, medicação inicialmente prescrita como sedativo-hipnótico e antiemético, desenvolvida na Alemanha, foi a causadora de uma série de nascimentos com más formações congênitas (LIMA *et al.*, 2001). A partir desta tragédia, a utilização de medicamentos por gestantes e seus efeitos sobre o feto, começaram a ser objeto de grande preocupação e pesquisa (CARMO E NITRINI, 2004). O *Food and Drug Administration* (FDA), é um órgão que controla os fármacos nos Estados Unidos da América, que classificou medicamentos em cinco categorias conforme o risco associado ao seu uso durante a gravidez (Quadro 1) (MENGUE *et al.*, 2001; CARMO E NITRINI, 2004; BODY E CHRISTIE, 2016).

O tratamento farmacológico durante a gravidez é contraindicado antes de 12 a 14 semanas, período em que ocorre o desenvolvimento embrionário, o que aumentaria o risco de teratogenicidade (WEGRZYNIAK *et al.*, 2012), porém seu uso deve ser analisado, pois ele se torna aceitável sempre que os benefícios superam os riscos.

O tratamento da êmese gravídica visa redução dos sintomas e correção de suas complicações, no entanto os efeitos prejudiciais sobre o feto devem ser considerados (FERNANDES, 2013). O tratamento inclui uma gama de opções, desde mudanças no estilo de vida e dieta até os tratamentos medicamentosos.

As modificações nos hábitos alimentares, tais como ingestão regular e em pequenas quantidades de líquidos, refeições com porções menores e mais frequentes, com alimentos

mais secos, ricos em carboidrato, que geralmente são mais toleráveis e a redução ou exclusão de alimentos ricos em gorduras, são medidas que podem auxiliar no alívio dos sintomas (ISMAIL E KENNY, 2007; WEGRZYNIAK *et al.*, 2012). Entretanto, quando as modificações alimentares não são suficientes, e a gestante começa a perder peso corporal, outras medidas terapêuticas devem ser tomadas.

**Quadro 1 - Classificação da *Food and Drug Administration* em categorias de risco para o uso de medicamentos na gravidez.**

| Classe | Risco gestacional |
|---|---|
| **A** | Estudos em humanos demonstraram que não existe risco fetal. |
| **B** | Os estudos em animais demonstraram que não existe risco, mas não há estudos em humanos, ou os estudos em animais demonstraram que existe risco, mas os estudos realizados no homem não. |
| **C** | Os estudos em animais demonstraram um efeito adverso sobre o feto, mas não existem estudos adequados e bem controlados em seres humanos, ou os estudos em animais demonstraram que não existe risco, mas não há informações sobre estudos realizados em humanos. |
| **D** | Os estudos no homem demonstraram que existe risco, mas o seu uso pode ser aceitável em casos, onde os benefícios superam os riscos. |
| **X** | O fármaco não deve ser consumido durante a gravidez. Os riscos experimentados superam qualquer vantagem. |

Fonte: Food and Drug Administration, 2008.

Uma interessante perspectiva é o uso de vitaminas no manejo de náuseas e vômitos. A suplementação de até 1,5 mg/dia com Tiamina (Vitamina B1) durante a gestação tem se mostrado uma conduta positiva para a redução das náuseas e vômitos gravídicas. Quando tolerada, a suplementação pode ser administrada por via oral, com doses de 25-50 mg três vezes ao dia, ou então, por via intravenosa, através de infusões semanais de 100 mg de

vitamina B1 em 100 ml de solução salina a 0,9% infundida durante 30-60 minutos (JARVIS E NELSON-PIERCY, 2011).

A Piridoxina (Vitamina B6) também está sendo comumente prescrita para o tratamento de náuseas e vômitos gestacionais (QUINLA E HILL, 2003; NIEBYL, 2010), apesar de seu mecanismo de ação ainda não estar bem definido, entende-se que não há uma relação direta entre a deficiência desta vitamina e a incidência de náuseas e vômitos durante a gestação (NIEBYL, 2010). Estudos estão sendo realizados para demonstrar os benefícios da vitamina B6 no controle da êmese gestacional, todavia a dose terapêutica diária utilizada em alguns destes estudos, que notaram a melhoria dos sintomas, variou entre 30 e 160 mg (SAHAKIAN *et al.*, 1991; VUTYAVANICH *et al.*, 1995; SRIPRAMOTE E LEKHYANANDA, 2003; SMITH *et al.*, 2004; CHITTUMMA *et al.*, 2007; JAMIGORN E PHUPONG, 2007; ENSIYEH E SAKINEH, 2009; FIROUZBAKHT *et al.*, 2014).

Entre as medidas farmacológicas mais adotadas durante a gestação, a primeira linha terapêutica para o tratamento de náuseas e vômitos gestacionais inclui anti-histamínicos como a doxilamina, considerada categoria A (NIEBYL, 2010) e o dimenidrinato (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CUIDADOS PALIATIVOS, 2011; FERNANDES, 2013; CASTILLO E PHILLIPPI, 2015), como categoria B.

Dentre os antidopaminérgicos, a metoclopramida, categoria B, é usualmente prescrita para os sintomas de náuseas e vômitos gestacionais, e apesar de estar relacionada com o desenvolvimento de discinesia tardia, e de haver indicações para que seu tratamento seja evitado por mais de 12 semanas, não está associada a malformações ou desfechos fetais desfavoráveis (EBRAHIMI *et al.*, 2010; NIEBYL, 2010); as fenotiazinas, devido aos seus efeitos adversos como sonolência e sedação, são utilizadas em menor escala (NIEBYL, 2010), apesar de não haver, até agora, dados que confirmem um aumento de efeitos adversos no feto, as fenotiazinas são classificadas como categoria C, entretanto elas podem ser implementadas no manejo de náuseas e vômitos quando outros antieméticos não estão disponíveis ou não foram eficazes (NIEBYL, 2010).

A ondansetrona é o antagonista dos receptores 5-HT3 amplamente utilizado para o tratamento de náuseas e vômitos induzidos por agentes quimioterápicos, devido a isso, acaba por ser utilizado no tratamento da êmese gravídica. Todavia, devido à escassez de dados que assegurem seu uso durante a gestação (EBRAHIMI *et al.*, 2010), é alocado na categoria B (KULAY JUNIOR *et al.*, 2003; FERNANDES, 2013), porém, só deve ser utilizado quando

outros fármacos não foram efetivos no tratamento da hiperêmese gravídica de intensidade grave (MYLONAS *et al.*, 2007; EBRAHIMI *et al.*, 2010; JARVIS E NELSON-PIERCY, 2011).

O interesse pelo uso de terapias da medicina complementar e alternativa, incluindo acupuntura (WEGRZYNIAK *et al.*, 2012), quiropraxia e fitoterápicos (KOUZI, 2003; ABED EL-HADY E WAFIK, 2009) aumentou consideravelmente nos últimos anos. Entretanto estudos de eficácia e segurança também devem ser desenvolvidos.

## 1.4 GENGIBRE

Originário da China e Índia, o gengibre (*Zingiber officinale*) é uma planta herbácea perene da família das *Zingiberaceae*. Cultivada devido ao seu rizoma comestível, para que seu desenvolvimento seja satisfatório, o seu cultivo deve ocorrer em climas predominantemente tropicais, pois é preciso períodos bem definidos de calor e umidade, onde a temperatura média fique em torno dos 25-30ºC (ELPO E NEGRELLE, 2004; BODE E DONG, 2011). Mencionado em textos antigos indianos, budistas, árabes, gregos e na literatura romana (GOVINDARAJAN, 1982A), o rizoma do gengibre hoje, é utilizado e comercializado em todo o mundo. Devido ao seu sabor picante e aroma característicos, é utilizado como condimento no preparo de pratos doces e salgados, bebidas como chás, sucos e cervejas, pães, bolos e biscoitos, geléias, e pode ser utilizado em diversas formas: fresco, seco, em conserva ou cristalizado (BODE E DONG, 2011; HEITMANN *et al.*, 2013), assim como comercializado em cápsulas, comprimidos, chás e extratos líquidos (LETE E ALLUÉ, 2016).

Os constituintes do rizoma de gengibre são numerosos e variam de acordo com o local de origem e frescor, porém as duas principais classes de fitoquímicos são a de óleos voláteis, como os sesquiterpenos e álcoois de sesquiterpeno que são responsáveis pelo aroma (GOVINDARAJAN, 1982A; CHRUBASIK *et al.*, 2005; MISHRA *et al.*, 2012), e a dos compostos fenólicos não voláteis, que respondem ao sabor picante, como os gingerois – [6]–gingerol, em maiores concentrações e, [8]– e [10]–gingerol, que ocorrem em menores concentrações – presentes no rizoma fresco, e os shogaols, que estão presentes no rizoma seco e são formados a partir dos gingerois, quando submetidos a processamentos térmicos, estes dois compostos parecem fornecer também, atribuições farmacológicas ao gengibre (GOVINDARAJAN, 1982B; WOHLMUTH *et al.*, 2005).

### 1.4.1 Efeitos farmacológicos do gengibre

O gengibre possui uma longa história de uso na medicina chinesa e Ayurveda devido a suas propriedades medicinais (GHOSH, 2011; MISHRA *et al.*, 2012), e por outras várias culturas para uma variedade de condições, entre elas enxaquecas, dores musculares e reumáticas, constipações, problemas digestivos, estimulante do apetite, náuseas e vômitos (WHITE, 2007).

No que diz respeito ao seu mecanismo de ação antiemético, ele ainda não foi bem definido. Acredita-se que este mecanismo envolva uma atividade inibitória sobre os receptores colinérgicos muscarínicos M3 e receptores serotoninérgicos 5-HT3 (WHITE, 2007; PERTZ *et al.*, 2011). Porém, seu efeito parece estar mais associado ao sistema gastrointestinal promovendo um aumento nos movimentos peristálticos e tônus gástrico, do que a nível central (WILKINSON, 2000a).

Poucos trabalhos estudaram o metabolismo de seus compostos. A meia-vida do [6]–gingerol, no plasma, quando administrado via intravenosa, aumentou significativamente quando os animais foram submetidos à insuficiência hepática induzida por tetracloreto de carbono. Quando foram induzidos à insuficiência renal, no entanto, a eliminação de [6]–gingerol não foi afetada. Estes resultados sugerem que o fígado está envolvido na metabolização do [6]–gingerol (NAORA *et al.*, 1992).

## 1.5 GENGIBRE E GESTAÇÃO

Durante centenas de anos, o gengibre é utilizado, como antiemético (GIACOSA *et al.*, 2015). E ao longo das últimas décadas, vem sendo investigado, clínica e cientificamente, sua eficácia como um fitoterápico no combate às náuseas e vômitos gestacionais (WILKINSON, 2000B), bem como sua segurança. Estudos demonstraram que o uso de gengibre, administrado oralmente, foi significativamente mais eficaz que placebos, na redução da frequência de vômitos e na intensidade de náuseas (FISCHER-RASMUSSEN *et al.*, 1991; VUTYAVANICH *et al.*, 2001; OZGOLI *et al.*, 2009; SABERI *et al.*, 2014), bem como não impacta os riscos de anomalias congênitas, mortalidade pré-natal, óbitos fetais, baixo peso ao nascer e baixo índice de APGAR (WILLETTS *et al.*, 2003; HEITMANN *et al.*, 2013). No entanto, ainda há incerteza quanto à dosagem segura de gengibre, assim como as consequências de uma superdose, a adequada duração do tratamento e potenciais interações

com fármacos. Alguns conselhos e instituições, como o "*American College of Obstetricians and Gynecologists*" considera o gengibre como um tratamento alternativo, porém, sabe-se que é preciso mais estudos que comprovem sua segurança, pois as evidências científicas até o presente momento são inconsistentes e limitadas.

## 2 JUSTIFICATIVA

Devido à alta prevalência de náuseas e vômitos durante a gestação e aos potenciais efeitos teratogênicos dos fármacos antieméticos, torna-se pertinente realizar uma revisão dos estudos, que sintetize sobre a eficácia e segurança do gengibre como antiemético durante a gestação. Apesar da literatura existente, os resultados encontrados até o presente momento não são conclusivos quanto ao uso e segurança do gengibre como antiemético durante a gestação. Portanto, o gengibre é uma planta medicinal segura e eficaz no tratamento de náuseas e vômitos ocasionados pela gestação?

## 3 HIPÓTESE

Hipótese Nula (#$H_0$): O tratamento com gengibre não altera náusea e êmese induzidas pela gestação

Hipótese Alternativa (#$H_1$): O gengibre é um eficiente antiemético e uma planta medicinal segura que pode ser utilizada por mulheres em período gestacional.

## 4 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi elaborar uma revisão sistemática para avaliar a eficácia e segurança do uso de rizomas do gengibre (*Zingiber officinale*) no controle de náuseas e vômitos gestacionais.

# 5 MÉTODOS

Para a realização do presente estudo, foram seguidas as diretrizes estabelecidas pelo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses*) (MOHER *et al.*, 2009).

## 5.1 CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Foram considerados elegíveis estudos com delineamento de ensaios clínicos randomizados (ECR) realizados em gestantes (entre a 6ª e 20ª semana de gestação), publicados até maio de 2017, que relacionaram a eficácia do gengibre, quanto antiemético, quando administrado por via oral, em forma de cápsulas, em comparação com placebo ou algum outro ingrediente ativo. Foram excluídos estudos não originais (revisões, editoriais e cartas ao editor), estudos realizados com animais, em células *in vitro* e estudos não relacionados ao tema.

## 5.2 ESTRATÉGIA DE BUSCA NA LITERATURA

A busca foi realizada na base de dados eletrônico MEDLINE, via PubMed, com os termos MeSH e combinações ("*Ginger*" OR "*Zingiber Officinale*") AND "*Nausea*" AND "*Vomiting*" AND "*Pregnancy*". Além disto, para completar a busca, uma pesquisa manual na lista de referências dos artigos e revisões.

## 5.3 SELEÇÃO DOS ESTUDOS E COLETA DE DADOS

Na primeira etapa, os artigos encontrados na estratégia de busca foram analisados por títulos e resumos, de forma independente por dois revisores (BLH e KCG), e um terceiro revisor (IRS) resolveu as discordâncias quanto à inclusão/exclusão dos estudos. Aqueles artigos que preencheram os critérios de inclusão foram submetidos à análise de texto completo. A taxa de concordância entre os revisores foi avaliada através do coeficiente Kappa.

A extração de dados foi realizada de forma independente pelos autores para cada artigo, por meio da compilação em uma tabela, das principais características dos estudos (autores e filiação, ano de publicação, amostra, idade gestacional, critérios de inclusão/exclusão, métodos/questionários para avaliar vômitos e náuseas, intervenções, resultados e informações sobre a criança).

## REFERÊNCIAS

ABED EL-HADY, R. M.; WAFIK, W. Effectiveness of Herbal Ginger as a Complementary Alternative Medicine in Relief of Nausea and Vomiting Associated with Early Pregnancy**. Medical Journal of Cairo University**. 77**:** 423-429 p. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CUIDADOS PALIATIVOS, A. Consenso Brasileiro de Náuseas e Vômitos. **Revista Brasileira de Cuidados Paliativos.** 3 2011.

BASHIRI, A. et al. Hyperemesis gravidarum: epidemiologic features, complications and outcome. **European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology,** v. 63, n. 2, p. 135-138, 1995. ISSN 0301-2115.

BECKER, J.; NARDIN, J. Utilização de antieméticos no tratamento antineoplásico de pacientes oncológicos. **Bras. Farm. Hosp. Serv. Saúde,** v. 2, n. 3, p. 18-22, 2011.

BODE, A. M.; DONG, Z. The Amazing and Mighty Ginger. In: BENZIE, I. F. F. e WACHTEL-GALOR, S. (Ed.). **Herbal Medicine: Biomolecular and Clinical Aspects**. 2nd, 2011. p.500.

BODY, C.; CHRISTIE, J. A. Gastrointestinal Diseases in Pregnancy: Nausea, Vomiting, Hyperemesis Gravidarum, Gastroesophageal Reflux Disease, Constipation, and Diarrhea. **Gastroenterol Clin North Am,** v. 45, n. 2, p. 267-83, Jun 2016. ISSN 1558-1942. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27261898 >.

BRAGA, A.; GRILLO, B.; SILVEIRA, E. Mola: Manual de Informações sobre a Doença Trofoblástica. Rio de Janeiro: **Sociedade Brasileira de Doença Trofoblástica Gestacional:** 1-12 p. 2014.

BRUNTON, L. L.; PARKER, K. L. **Goodman & Gilman's: Manual de Farmacologia e Terapêutica**. 12ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BUSTOS, M.; VENKATARAMANAN, R.; CARITIS, S. Nausea and vomiting of pregnancy - What's new? **Auton Neurosci**, May 2016. ISSN 1872-7484. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27209471>.

CARMO, T. A.; NITRINI, S. M. [Drug prescription for pregnant women: a pharmacoepidemiological study]. **Cad Saude Publica,** v. 20, n. 4, p. 1004-13, 2004 Jul-Aug 2004. ISSN 0102-311X. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15300293>.

CASTILLO, M. J.; PHILLIPPI, J. C. Hyperemesis gravidarum: a holistic overview and approach to clinical assessment and management. **J Perinat Neonatal Nurs,** v. 29, n. 1, p. 12-22; quiz E1, 2015 Jan-Mar 2015. ISSN 1550-5073. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25534678>.

CHITTUMMA, P.; KAEWKIATTIKUN, K.; WIRIYASIRIWACH, B. Comparison of the effectiveness of ginger and vitamin B6 for treatment of nausea and vomiting in early pregnancy: a randomized double-blind controlled trial. **J Med Assoc Thai,** v. 90, n. 1, p. 15-20, Jan 2007. ISSN 0125-2208. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17621727>.

CHRUBASIK, S.; PITTLER, M. H.; ROUFOGALIS, B. D. Zingiberis rhizoma: a comprehensive review on the ginger effect and efficacy profiles. **Phytomedicine,** v. 12, n. 9, p. 684-701, Sep 2005. ISSN 0944-7113. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16194058 >.

DAVIS, J. S.; RUEDA, B. R. The corpus luteum: an ovarian structure with maternal instincts and suicidal tendencies. **Front Biosci,** v. 7, p. d1949-1978, 2002.

DE ANDRADE, J. M. [Hydatidiform mole and gestational trophoblastic disease]. **Rev Bras Ginecol Obstet,** v. 31, n. 2, p. 94-101, Feb 2009. ISSN 1806-9339. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19407915>.

DEPUE, R. H. et al. Hyperemesis gravidarum in relation to estradiol levels, pregnancy outcome, and other maternal factors: a seroepidemiologic study. **Am J Obstet Gynecol,** v. 156, n. 5, p. 1137-41, May 1987. ISSN 0002-9378. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/3578425>.

EBRAHIMI, N.; MALTEPE, C.; EINARSON, A. Optimal management of nausea and vomiting of pregnancy. **Int J Womens Health,** v. 2, p. 241-8, Aug 2010. ISSN 1179-1411. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21151729>.

ELPO, E. R. S.; NEGRELLE, R. R. B. Zingiber officinale roscoe: aspectos botânicos e ecológicos. **Visão Acadêmica,** v. 5, n. 1, 2004. ISSN 1518-8361.

ENSIYEH, J.; SAKINEH, M. A. Comparing ginger and vitamin B6 for the treatment of nausea and vomiting in pregnancy: a randomised controlled trial. **Midwifery,** v. 25, n. 6, p. 649-53, Dec 2009. ISSN 1532-3099. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18272271>.

FERNANDES, C. E. Medicamentos antieméticos no tratamento da náusea e vômitos associados à gestação. **Revista Brasileira de Medicina,** v. 70, n. 6, 2013. ISSN 0034-7264.

FIROUZBAKHT, M. et al. Comparison of ginger with vitamin B6 in relieving nausea and vomiting during pregnancy. **Ayu,** v. 35, n. 3, p. 289-93, 2014 Jul-Sep 2014. ISSN 0974-8520. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26664238>.

FISCHER-RASMUSSEN, W. et al. Ginger treatment of hyperemesis gravidarum. **Eur J Obstet Gynecol Reprod Biol,** v. 38, n. 1, p. 19-24, Jan 1991. ISSN 0301-2115. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1988321>.

GADSBY, R.; BARNIE-ADSHEAD, A. M.; JAGGER, C. A prospective study of nausea and vomiting during pregnancy. **Br J Gen Pract,** v. 43, n. 371, p. 245-8, Jun 1993. ISSN 0960-1643. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8373648>.

GHOSH, A. K. ZINGIBER OFFICINALE: A NATURAL GOLD. **International Journal of Pharma and Bio Sciences,** v. 2, n. 1, p. 283-294, 2011.

GIACOSA, A. et al. Can nausea and vomiting be treated with ginger extract? **Eur Rev Med Pharmacol Sci,** v. 19, n. 7, p. 1291-6, Apr 2015. ISSN 2284-0729. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25912592>.

GONDIM, C. R. et al. Prevention and treatment of postoperative nausea and vomiting. **Rev Bras Ter Intensiva,** v. 21, n. 1, p. 89-95, Mar 2009. ISSN 0103-507X. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25303134>.

GOVINDARAJAN, V. S. Ginger--chemistry, technology, and quality evaluation: part 1. **Crit Rev Food Sci Nutr,** v. 17, n. 1, p. 1-96, 1982a. ISSN 1040-8398. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7049579>.

GOVINDARAJAN, V. S. Ginger-chemistry, technology, and quality evaluation: part 2. **Crit Rev Food Sci Nutr,** v. 17, n. 3, p. 189-258, 1982b. ISSN 1040-8398. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/6756789>.

GRANGER, J. P. Maternal and fetal adaptations during pregnancy: lessons in regulatory and integrative physiology. **Am J Physiol Regul Integr Comp Physiol,** v. 283, n. 6, p. R1289-92, Dec 2002. ISSN 0363-6119. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12429557>.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. Fisiologia Gatrointestinal. In: GUYTON, A. C. e HALL, J. E. (Ed.). **Tratado de Fisiologia Médica**. 12ª: Elsevier, 2011. cap. 66 - Fisiologia dos Distúrbios Gatrointestinais, ISBN 978-85-352-4980-4.

HEITMANN, K.; NORDENG, H.; HOLST, L. Safety of ginger use in pregnancy: results from a large population-based cohort study. **Eur J Clin Pharmacol,** v. 69, n. 2, p. 269-77, Feb 2013. ISSN 1432-1041. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22706624>.

HUXLEY, R. R. Nausea and vomiting in early pregnancy: its role in placental development. **Obstet Gynecol,** v. 95, n. 5, p. 779-82, May 2000. ISSN 0029-7844. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10775746>.

ISMAIL, S. K.; KENNY, L. Review on hyperemesis gravidarum. **Best Pract Res Clin Gastroenterol,** v. 21, n. 5, p. 755-69, 2007. ISSN 1521-6918. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17889806>.

JAMIGORN, M.; PHUPONG, V. Acupressure and vitamin B6 to relieve nausea and vomiting in pregnancy: a randomized study. **Arch Gynecol Obstet,** v. 276, n. 3, p. 245-9, Sep 2007. ISSN 0932-0067. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17318558>.

JARNFELT-SAMSIOE, A. Nausea and vomiting in pregnancy: a review. **Obstet Gynecol Surv,** v. 42, n. 7, p. 422-7, Jul 1987. ISSN 0029-7828. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/3614796>.

JARVIS, S.; NELSON-PIERCY, C. Management of nausea and vomiting in pregnancy. **BMJ,** v. 342, p. d3606, Jun 2011. ISSN 1756-1833. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21685438>.

JEWELL, D. Nausea and vomiting in early pregnancy. **Am Fam Physician,** v. 68, n. 1, p. 143-4, Jul 2003. ISSN 0002-838X. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12887120>.

KING, J. C. Physiology of pregnancy and nutrient metabolism. **The American journal of clinical nutrition,** v. 71, n. 5, p. 1218s-1225s, 2000. ISSN 0002-9165.

KOREN, G. et al. Motherisk-PUQE (pregnancy-unique quantification of emesis and nausea) scoring system for nausea and vomiting of pregnancy. **Am J Obstet Gynecol,** v. 186, n. 5 Suppl Understanding, p. S228-31, May 2002. ISSN 0002-9378. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12011891>.

KOREN, G. et al.. Validation studies of the Pregnancy Unique-Quantification of Emesis (PUQE) scores. **J Obstet Gynaecol,** v. 25, n. 3, p. 241-4, Apr 2005. ISSN 0144-3615. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16147725 >.

KOUZI, S. A. Nausea and Vomiting of Pregnancy. **American Journal of Pharmaceutical Education,** v. 67, n. 2, 2003.

KULAY JUNIOR, L.; LAPA, A. J.; FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS SOCIEDADES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, F. **Drogas na Gravidez: Manual de orientação**. São Paulo: Ponto, 2003. ISBN 8589245047.

LACROIX, R.; EASON, E.; MELZACK, R. Nausea and vomiting during pregnancy: A prospective study of its frequency, intensity, and patterns of change. **Am J Obstet Gynecol,** v. 182, n. 4, p. 931-7, Apr 2000. ISSN 0002-9378. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10764476>.

LETE, I.; ALLUÉ, J. The Effectiveness of Ginger in the Prevention of Nausea and Vomiting during Pregnancy and Chemotherapy. **Integr Med Insights,** v. 11, p. 11-7, 2016. ISSN 1177-3936. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27053918>.

LIMA, L. M.; FRAGA, C. A. M.; BARREIRO, E. J. O RENASCIMENTO DE UM FÁRMACO: TALIDOMIDA. **Quim. Nova**. 24**:** 683-688 p. 2001.

MATTHEWS, A. et al. Interventions for nausea and vomiting in early pregnancy. **Cochrane Database Syst Rev**, n. 9, p. CD007575, 2015. ISSN 1469-493X. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26348534>.

MENGUE, S. S. et al. [Drug use by pregnant women in six Brazilian cities]. **Rev Saude Publica,** v. 35, n. 5, p. 415-20, Oct 2001. ISSN 0034-8910. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11723511>.

MISHRA, R. K.; KUMAR, A.; KUMAR, A. Pharmacological Activity of Zingiber officinale. **INTERNATIONAL JOURNAL OF PHARMACEUTICAL AND CHEMICAL SCIENCES,** v. 1, n. 3, p. 1422-1427, 2012.

MOHER, D., LIBERATI, A., TETZLAFF, J., & ALTMAN, D. G. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 62, p. 1006-1012, 2009.

MYLONAS, I.; GINGELMAIER, A.; KAINER, F. Nausea and vomiting in pregnancy. **Dtsch Arztebl,** v. 104, n. 25, p. 1821-6, 2007.

NAORA, K. et al. Pharmacokinetics of [6]-gingerol after intravenous administration in rats with acute renal or hepatic failure. **Chem Pharm Bull (Tokyo),** v. 40, n. 5, p. 1295-8, May 1992. ISSN 0009-2363. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1394650>.

NIEBYL, J. R. Clinical practice. Nausea and vomiting in pregnancy. **N Engl J Med,** v. 363, n. 16, p. 1544-50, Oct 2010. ISSN 1533-4406. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20942670>.

OZGOLI, G.; GOLI, M.; SIMBAR, M. Effects of ginger capsules on pregnancy, nausea, and vomiting. **J Altern Complement Med,** v. 15, n. 3, p. 243-6, Mar 2009. ISSN 1557-7708. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19250006>.

PERLEN, S. et al. Maternal depression and physical health problems in early pregnancy: findings of an Australian nulliparous pregnancy cohort study. **Midwifery,** v. 29, n. 3, p. 233-9, Mar 2013. ISSN 1532-3099. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22361009>.

QUIGLEY, E. M.; HASLER, W. L.; PARKMAN, H. P. AGA technical review on nausea and vomiting. **Gastroenterology,** v. 120, n. 1, p. 263-86, Jan 2001. ISSN 0016-5085. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11208736>.

QUINLA, J. D.; HILL, D. A. Nausea and vomiting of pregnancy. **Am Fam Physician,** v. 68, n. 1, p. 121-8, Jul 2003. ISSN 0002-838X. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12887118>.

RHODES, V. A.; WATSON, P. M.; JOHNSON, M. H. Development of reliable and valid measures of nausea and vomiting. **Cancer Nurs,** v. 7, n. 1, p. 33-41, Feb 1984. ISSN 0162-220X. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/6559094>.

SABERI, F. et al. Effect of ginger on relieving nausea and vomiting in pregnancy: a randomized, placebo-controlled trial. **Nurs Midwifery Stud,** v. 3, n. 1, p. e11841, Apr 2014. ISSN 2322-1488. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25414888>.

SAHAKIAN, V. et al. Vitamin B6 is effective therapy for nausea and vomiting of pregnancy: a randomized, double-blind placebo-controlled study. **Obstet Gynecol,** v. 78, n. 1, p. 33-6, Jul 1991. ISSN 0029-7844. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2047064>.

SAPRA, K. J. et al. Signs and Symptoms of Early Pregnancy Loss: A Systematic Review. **Reprod Sci**, Jun 2016. ISSN 1933-7205. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27342274>.

SAUNDERS, C. Nutrição em Obstetrícia. In: ACCIOLY, E.;SAUNDERS, C., *et al* (Ed.). **Nutrição em Obstetrícia e Pediatria**. 2: Guanabara, 2009. cap. Ajustes Fisiológicos da Gestação, ISBN 978-85-7006-444-8.

SHEEHAN, P. Hyperemesis gravidarum--assessment and management. **Aust Fam Physician,** v. 36, n. 9, p. 698-701, Sep 2007. ISSN 0300-8495. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17885701>.

SMITH, C. et al. A randomized controlled trial of ginger to treat nausea and vomiting in pregnancy. **Obstet Gynecol,** v. 103, n. 4, p. 639-45, Apr 2004. ISSN 0029-7844. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15051552>.

SRIPRAMOTE, M.; LEKHYANANDA, N. A randomized comparison of ginger and vitamin B6 in the treatment of nausea and vomiting of pregnancy. **J Med Assoc Thai,** v. 86, n. 9, p. 846-53, Sep 2003. ISSN 0125-2208. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14649969>.

TIAN, R. et al. Analysis of pre- and post-pregnancy issues in women with hyperemesis gravidarum. **Auton Neurosci**, Jul 2016. ISSN 1872-7484. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27460690>.

VUTYAVANICH, T.; KRAISARIN, T.; RUANGSRI, R. Ginger for nausea and vomiting in pregnancy: randomized, double-masked, placebo-controlled trial. **Obstet Gynecol,** v. 97, n. 4, p. 577-82, Apr 2001. ISSN 0029-7844. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11275030>.

VUTYAVANICH, T.; WONGTRA-NGAN, S.; RUANGSRI, R. Pyridoxine for nausea and vomiting of pregnancy: a randomized, double-blind, placebo-controlled trial. **Am J Obstet Gynecol,** v. 173, n. 3 Pt 1, p. 881-4, Sep 1995. ISSN 0002-9378. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7573262>.

WALSH, J. W. et al. Progesterone and estrogen are potential mediators of gastric slow-wave dysrhythmias in nausea of pregnancy. **Am J Physiol,** v. 270, n. 3 Pt 1, p. G506-14, Mar 1996. ISSN 0002-9513. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8638718>.

WEGRZYNIAK, L. J.; REPKE, J. T.; URAL, S. H. Treatment of hyperemesis gravidarum. **Rev Obstet Gynecol,** v. 5, n. 2, p. 78-84, 2012. ISSN 2153-8166. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22866186>.

WEIGEL, M. M.; WEIGEL, R. M. Nausea and vomiting of early pregnancy and pregnancy outcome. An epidemiological study. **Br J Obstet Gynaecol,** v. 96, n. 11, p. 1304-11, Nov 1989. ISSN 0306-5456. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2611169>.

WHITE, B. Ginger: an overview. **Am Fam Physician,** v. 75, n. 11, p. 1689-91, Jun 2007. ISSN 0002-838X. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17575660>.

WILKINSON, J. M. Effect of ginger tea on the fetal development of Sprague-Dawley rats. **Reprod Toxicol,** v. 14, n. 6, p. 507-12, 2000 Nov-Dec 2000a. ISSN 0890-6238. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11099876>.

WILKINSON, J. M. What do we know about herbal morning sickness treatments? A literature survey. **Midwifery,** v. 16, n. 3, p. 224-8, Sep 2000b. ISSN 0266-6138. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10970756>.

WILLETTS, K. E.; EKANGAKI, A.; EDEN, J. A. Effect of a ginger extract on pregnancy-induced nausea: a randomised controlled trial. **Aust N Z J Obstet Gynaecol,** v. 43, n. 2, p. 139-44, Apr 2003. ISSN 0004-8666. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14712970>.

WOHLMUTH, H. et al. Gingerol content of diploid and tetraploid clones of ginger (Zingiber officinale Roscoe). **J Agric Food Chem,** v. 53, n. 14, p. 5772-8, Jul 2005. ISSN 0021-8561. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15998147>

# 6 ARTIGO DE REVISÃO A SER SUBMETIDO AO AUSTRALIAN AND NEW ZEALAND JOURNAL OF OBSTETRICS AND GYNAECOLOGY

## Effects of ginger (*Zingiber officinale*) on pregnancy-induced nausea and vomiting: a systematic review

Bruna Luiza HOLAND[1], Kamila Castro GROKOSKI[2], Ionara Rodrigues SIQUEIRA[3]

1 Departamento de Nutrição, Graduação em Nutrição, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brazil.

2 Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente (PPGSCA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brazil; Centro de Estudos em Alimentação e Nutrição – Hospital de Clínicas de Porto Alegre/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CESAN-HCPA/UFRGS), Brazil.

3 Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Fisiologia (PPGFISIO), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brazil.

Corresponding author: Ionara Rodrigues Siqueira, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Fisiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Avenida Sarmento Leite, 500, 90040-060, Porto Alegre, RS, Brazil. [ionara@ufrgs.br].

**Effects of ginger (*Zingiber officinale*) on pregnancy-induced nausea and vomiting: a systematic review**

Short Title: Antiemetic Effect and Ginger

Abstract: 227 Main text: 1.817

4 tables and 1 figure

Keywords

Pregnant, vomiting, nausea, ginger, antiemetic

**Abstract**

**Introduction:** Pregnancy-induced nausea and vomiting (PINV) affects 60-80% of women. Considering that drug use, such as antiemetic drugs, during pregnancy and lactation requires concern, alternative approaches have been exploited. In this context, rhizome of the ginger (*Zingiber officinale*) has been used as a therapeutic agent for centuries although there is still no consensus regarding its use for PINV. This systematic review was performed in order to evaluate the evidence of the effectiveness and safety of ginger for PINV.

**Methods:** Randomized controlled trials (RCTs) of ginger and PINV were searched from MEDLINE (PubMed). The quality of studies was evaluated.

**Results:** A total of 92 studies were found in the first search. The measure of agreement of the Kappa was k=0.617. Finally 15 studies were eligible for further analysis. The studies addressed the efficacy of ginger compared with placebo, vitamin B6 and other drugs. The mean dose of ginger was 1000mg/d.

**Discussion:** The efficacy of ginger was higher than placebo in PINV in all RCTs. However, a few works showed that ginger is more effective than vitamin B6 reducing nausea. In addition, there were no significant adverse effects on pregnancy outcomes. Although this review indicates concordant data, further studies with a larger sample size as well as longer duration and comparison to recognized treatments with adequate randomization and blinding are need to increase the credibility of the outcomes.

## INTRODUCTION

Gestational nausea and vomiting usually has a peak between the 8th and 12th week of gestation[1; 2] and can be reduced until the 20th week.[1; 3] Pregnancy-induced nausea and vomiting (PINV) are commonly described complications, since it has been estimated that 60-80% of pregnant women suffer with these symptoms.[1; 3; 4] The most severe and persistent form is denominated hyperemesis gravidarum[5] affecting 0.3%-1.0% of pregnancies.[1; 3; 5]

Pathophysiology for these symptoms is still unclear and the etiology seems to be multifactorial, involving combinations of physiological, biological, psychological and sociocultural factors.[6; 7] Pharmacological treatment with antiemetics or other classes of drugs, for instance, chlorpromazine, prochlorperazine,[8; 9] atenolol,[10; 11] phenytoin[12; 13] is contraindicated before the 12th-14th gestational week, because these drugs show potential teratogenic effects when administered during the embryonic period.[14; 15] However, the treatment with vitamins (B6 and B1) and other drugs (such as metoclopramide, dimenhydrinate, ondansetron)[16] has been accepted.[17] In addition, the use of alternative therapies, such as medicinal plants, has been considered in order to treat PINV[18] improving the quality of life.

The rhizome of the ginger (*Zingiber officinale*) is a medicinal plant widely used due its antiemetic properties.[19] Several studies has suggested ginger to treat different conditions, such as chemotherapy-induced nausea,[20; 21; 22] dyspepsia,[23; 24] *Helicobacter pylori* infection,[25; 26] post-operative nausea and vomiting.[27] This species is widely recognized, although there still have not consensus regarding the use in the treatment to PINV.[7; 28; 29] The present systematic review was performed in order to evaluate the evidence of the effectiveness and safety of ginger for PINV.

## METHODS

For the accomplishment of the present study, the Preferred Reporting items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) was followed. The search strategy was independently conducted from the MEDLINE (PubMed) database by two reviewers (BH and KCG). The MeSH terms used in the search were: ('Ginger' OR '*Zingiber officinale*' AND 'Nausea' AND 'Vomiting' AND 'Pregnancy'). In the first step, articles were analyzed by titles and abstracts, a third author (IRS) evaluated any disagreements. Those articles who met inclusion criteria underwent full-text analysis, and during this step the articles that were outside the scope of the review were excluded. In addition, the authors performed a snow-bailing (a hand-search in the articles from reference lists) and also checked review articles, aiming to find other studies suitable for the present review.

Randomized controlled trials (RCTs) with pregnant women between 6-20 weeks of gestational age (GA) with the use of ginger for the treatment of nausea and vomiting during the gestational period compared with placebo, B6 vitamin or other drugs. Studies that used ginger administered through oral intervention (fresh root, dried root, powder, tablets, capsules) was considered eligible for the present review, while the ones that considered ginger intervention via liquid extract or tea were excluded in order to avoid heterogeneity. All the, editorials, comments, and publications written in languages other than English were excluded.

The authors performed the data extraction independently for each article. The principal table of results was built using the main characteristics of the studies (authors and filiations, publication year, sample, gestational age, inclusion/exclusion criteria, methods/questionnaires to evaluate vomiting and nausea, interventions, outcomes and children's information).

The quality of the studies was evaluated according with the Jinks *et al* (2011)[30] criteria. This tool includes items such as sample size, study design, data analysis, outcomes and ethical

issues – points to evaluated in each study included in our review. The quality scores (0-8) was determined independently by two authors (BH and KCG) and the mean between both scores was considered.

Kappa coefficients were calculated to assess the agreement rate between the reviewers. For classification of the results, the agreement of the kappa value, according to Landis and Koch (1977)[31] was ranked as follows: 0–0.2 slight, 0.2–0.4 fair, 0.4–0.6 moderate, 0.6– 0.8 substantial and 0.8–1.0 excellent or almost perfect.

## RESULTS

Selection and characterization of the studies included

Firstly, ninety two studies were found. After the first step, 10 studies were included. The flowchart describes the complete details concerning the search and selection strategy (Figure 1). The Kappa value was k=0.617 that correspond to substantial agreement score.[31; 32; 33] Some articles were included from snow bailing, finally 15 were completed all the requirements for this review. The extracted information was described separately for studies that used ginger and placebo (Table 1), B6 vitamin (Table 2) or drugs (Table 3). In addition, Table 4 showed the quality scores pointing to each study included.

Study characteristics

Articles included in the present study addressed the efficacy of ginger compared with placebo;[34; 35; 36; 37; 38; 39; 40; 41] ginger and vitamin B6;[37; 42; 43; 44; 45; 46] or ginger and drugs (metoclopramide,[40] dimenhydrinate,[47] doxalamine plus pyridoxine[48]). Nine of fifteen studies were double-blind, randomized, controlled trials.[35; 36; 37; 40; 41; 42; 43; 45; 47] A double-blind cross-over design was applied in one study.[39] The remaining studies were performed by single blind clinical trial,[34; 48] randomized controlled equivalent trial[44] and randomized clinical trial.[38; 46] Compliance, in order to verify the drug adherence, was shown in seven studies.[36; 40; 41; 42; 45; 47;

[48] The daily doses of ginger range between 450[48] and 2500 mg[41], but most studies adopted 1000 mg[34; 36; 37; 39; 42; 46; 47] of ginger per day. Treatment duration varied from three[45] to twenty one days.[44; 48] Five studies defined 20 weeks as the maximum gestational age for inclusion in the RCT.[34; 35; 37; 39; 40] The mean age of pregnant women among all the studies was 25.53±4.77 years.

Different questionnaires were used to evaluate nausea and vomiting symptoms in the studies (Supplementary material - Describe more details concern each tool used in the studies included). The most of part the studies used Visual Analogue Scale VAS, along with recording the number of episodes of vomiting daily in their analyses.[36; 37; 41; 42; 45; 47; 48] Seven studies advised the participants about diet changes,[34; 36; 37; 38; 42; 43; 45] and just a part of the articles provided outcomes about the children's information.[35; 36; 39; 41; 42; 44; 48]

## DISCUSSION

Nausea and vomiting are common problems during pregnancy. Taken that, the use of drugs must be avoided specially in early pregnancy; alternative therapies have been considered. It is important to note that traditional use of medicinal plants, such as ginger, peppermint, cranberry and raspberry, has been widely described.[49; 50; 51]

The primary objective of our study was to analyze the effectiveness of ginger for PINV. All RCTs comparing the efficacy of ginger versus placebo reported improvements in symptoms regardless of ginger dosage or form. Mohammadbeigi*et al*. (2011),[40] found a significant difference comparing the ginger effects to placebo for the Rhodes Index for Nausea and Vomiting (RINV) ($p = 0.004$). In addition, ginger showed similar effects to metoclopramide since there were no statistically differences ($p = 0.509$). Some works have compared ginger and vitamin B6, two of them showed that ginger is more effective at reducing nausea than vitamin B6;[42; 43] however the remaining ones found no differences between these

interventions.[44; 45; 46] The studies that comparing ginger versus drugs demonstrated that ginger is as effective as dimenhydrinate[47] and pyridoxine plus doxylamine[48] in the treatment of PINV, besides having fewer side effects.[47] Taken together, this review might indicate rhizomes of ginger as potential approach for PINV.

It is interesting to note that ginger has been widely used[19] to stomach ache, stomach ulcers, bacterial dysentery and dyspepsia,[51] and its antibacterial action, including an *in vitro* effect against *Helicobacter pylori* infection were described.[25; 26]

These properties can be involved at least in part with anti-nausea and antiemetic effects of ginger. A recent systematic review reported an association between *Helicobacter pylori* and hyperemesis gravidarum.[16] This study found the presence of hyperemesis gravidarum in 95% of patients that were positive for this microorganism when compared to a lower percentage in negative patients (50% with hyperemesis gravidarum).[52] Accordantly, patients suffering hyperemesis gravidarum treated with ginger[39] demonstrated positive results, reducing the symptoms, when compared to placebo. Although this study suggests that the ginger effects can be inherent from alterations in gastrointestinal motility, it is important to mention that these effects can be an overlap between the antiemetic effect and the inhibition effects from the microorganism growth. McParlin *et al*. (2016)[53] suggested ginger as an option for the treatment of mild symptoms in pregnancy, including the hyperemesis gravidarum and, furthermore, The American College of Obstetrics and Gynecology proposed as a treatment for PINV.[28]

The mechanism of action and/or active compounds have not been entirely understood, however the ability to inhibit serotonin (5-HT3) receptors in the gastrointestinal tract has been attributed to gingerols and shogaols, promoting an increase in gastrointestinal motility and prokinetic effects.[54; 55] It is important to mention that the metoclopramide and ginger can share these mechanisms of action[54; 55; 56] ameliorating the PINV symptoms.

In addition, our review can indicate that ginger seems to be safe, without major side effects or adverse events during pregnancy. A few studies reported some side effects.[36; 43; 44; 45; 47] Only one study reported that 4 women did not complete the treatment due to ginger intolerance.[35] Mild adverse effects were described (headache, drowsiness and mostly heartburn), but without significance between groups [45; 47] A cohort study with 1,200 women that reported using ginger during pregnancy found no association with any increased risk of congenital malformations and adverse pregnancy outcomes.[57] Unfortunately, this does not allow any conclusions to be made about the long-term safety of ginger in PINV, and knowledge on dosage and administration of ginger was not available.

It is important that the interpretation of these findings takes into account the limitations of the review. Exclusion of RCTs that were not in the English language was a limiting factor. Analyzing all the studies included in this review, we noticed some heterogeneity in the methods used that could produce some bias in the comparison of all the studies considered. In most cases, about 90%[1; 3] nausea and vomiting is resolved by the 20$^{th}$ week of gestation, however, most part of the studies selected pregnant women at GA<20[34; 35; 37; 39; 40] or ≤17[36; 41; 42; 46] weeks. The criteria of inclusion could create a bias to analyze the results related to ginger *per se*. In addition, some studies provided dietary recommendations and this management could be confounding the ginger antiemetic effect, because combined appointments (antiemetic substance + dietary recommendations) can better contribute for PINV decrease. It is important to recognize just one study evaluated placebo effect.[38]

In conclusion, this review showed studies that compare ginger to other possible solutions to PINV. The studies can indicate ginger use as effective for mitigating the severity of PINV symptoms, as well as for safely improving the quality of life during this period. However, further studies with a large number of participants, with a long follow-up period should be

performed in order to better understand both effect and safety of ginger for women suffering from PINV.

## REFERENCES

1 Lacroix R, Eason E, Melzack R. Nausea and vomiting during pregnancy: A prospective study of its frequency, intensity, and patterns of change. *Am J Obstet Gynecol* 2000; **182:** 931-937.

2 Kouzi SA. Nausea and Vomiting of Pregnancy. *American Journal of Pharmaceutical Education* 2003; **67**.

3 Gadsby R, Barnie-Adshead AM, Jagger C. A prospective study of nausea and vomiting during pregnancy. *Br J Gen Pract* 1993; **43:** 245-248.

4 Jewell D. Nausea and vomiting in early pregnancy. *Am Fam Physician* 2003; **68**: 143-144.

5 Bashiri A, Neumann L, Maymon E, Katz M. Hyperemesis gravidarum: epidemiologic features, complications and outcome. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology* 1995; **63**: 135-138.

6 Jarvis S, Nelson-Piercy C. Management of nausea and vomiting in pregnancy. *BMJ* 2011; **342**. DOI: 10.1136/bmj.d3606

7 Campbell K, Rowe H, Azzam H, Lane CA. The Management of Nausea and Vomiting of Pregnancy. *J Obstet Gynaecol Can* 2016; **38**: 1127-1137.

8 Einarson A, Boskovic R. Use and safety of antipsychotic drugs during pregnancy. *J Psychiatr Pract* 2009; **15:** 183-192.

9 Gill SK, Einarson A. The safety of drugs for the treatment of nausea and vomiting of pregnancy. *Expert Opin Drug Saf* 2007; **6**: 685-694.

10 Lydakis C, Lip GY, Beevers M, Beevers DG. Atenolol and fetal growth in pregnancies complicated by hypertension. *Am J Hypertens* 1999; **12**: 541-547.

11 Butters L, Kennedy S, Rubin PC. Atenolol in essential hypertension during pregnancy. *BMJ* 1990; **301**: 587-589.

12 Meador K, Reynolds MW, Crean S, *et al.* Pregnancy outcomes in women with epilepsy: a systematic review and meta-analysis of published pregnancy registries and cohorts. *Epilepsy Res* 2008; **81**: 1-13.

13 Brewer JM, Waltman PA. Epilepsy and pregnancy: maternal and fetal effects of phenytoin. *Crit Care Nurse* 2003; **23**: 93-98.

14 Wegrzyniak LJ, Repke JT, Ural SH. Treatment of hyperemesis gravidarum. *Rev Obstet Gynecol* 2012; **5**: 78-84.

15 Wilson JG. Embryological considerations in teratology. *Annals of the New York Academy of Sciences* 1965; **123**: 219-227.

16 Bustos M, Venkataramanan R, Caritis S. Nausea and vomiting of pregnancy - What's new? *Auton Neurosci* 2017; **202**: 62-72.

17 Food and Drug Administration. Content and format of labeling for human prescription drug and biological products; requirements for pregnancy and lactation labeling. Final Rule. Federal Register 2014; **79** (233), 72063.

18 Matthews A, Haas DM, O'Mathúna DP, Dowswell T. Interventions for nausea and vomiting in early pregnancy. *Cochrane Database Syst Rev* 2015. DOI: 10.1002/14651858.CD007575.pub4

19 Prakash O. Food and drinks in ancient India: From earliest times to c. 1200 AD. Munshi Ram Manohar Lal Delhi: 1961; 180-195.

20 Thamlikitkul L, Soparattanapaisarn N. Efficacy of ginger for chemotherapy-induced nausea and vomiting (CINV) prophylaxis in breast cancer patients receiving adriamycin – cyclophosphamide (AC) regimen: Randomized double-blind placebo-control crossover study. *Journal of Clinical Oncology* 2016. DOI: 10.1200/JCO.2016.34.15_suppl.e21621.

21 Marx W, McCarthy AL, Ried K *et al*. Can ginger ameliorate chemotherapy-induced nausea? Protocol of a randomized double blind, placebo-controlled trial. *BMC Complement Altern Med* 2014; **14**: 134.

22 Lee J, Oh H. Ginger as an antiemetic modality for chemotherapy-induced nausea and vomiting: a systematic review and meta-analysis. *Oncol Nurs Forum* 2013; **40**: 163-170.

23 Hu ML, Rayner CK, Wu KL *et al*. Effect of ginger on gastric motility and symptoms of functional dyspepsia. *World J Gastroenterol* 2011; **17**: 105-110.

24 Wu KL, Rayner CK, Chuah SK *et al*. Effects of ginger on gastric emptying and motility in healthy humans. *Eur J Gastroenterol Hepatol* 2008; **20**: 436-40.

25 Mahady GB, Pendland SL, Yun GS *et al*. Ginger (Zingiber officinale Roscoe) and the gingerols inhibit the growth of Cag A+ strains of Helicobacter pylori. *Anticancer Res* 2003; **23**: 3699-3702.

26 Siddaraju MN, Dharmesh SM. Inhibition of gastric H+, K+-ATPase and Helicobacter pylori growth by phenolic antioxidants of Zingiber officinale. *Mol Nutr Food Res* 2007; **51**: 324-32.

27 Chaiyakunapruk N, Kitikannakorn N, Nathisuwan S *et al*. The efficacy of ginger for the prevention of postoperative nausea and vomiting: a meta-analysis. *Am J Obstet Gynecol* 2006; **194**: 95-99.

28 Practice Bulletin No. 153: Nausea and Vomiting of Pregnancy. *Obstet Gynecol* 2015. DOI: 10.1097/AOG.0000000000001048

29 Ding M, Leach M, Bradley H. The effectiveness and safety of ginger for pregnancy-induced nausea and vomiting: a systematic review. *Women Birth* 2013; **26**: e26-30.

30 Jinks A, Cotton A, Rylance R. Obesity interventions for people with a learning disability: an integrative literature review. *J Adv Nurs* 2011; **67**: 460-471.

31 Landis JR, Koch G. The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics* 1977; **33**: 159-174.

32 Viera AJ, Garrett JM. Understanding interobserver agreement: the kappa statistic. *Fam Med* 2005; **37**: 360-363.

33 McHugh ML. Interrater reliability: the kappa statistic. *Biochemia medica* 2012; **22**: 276-282.

34 Ozgoli G, Goli M, Simbar M. Effects of ginger capsules on pregnancy, nausea, and vomiting. *J Altern Complement Med* 2009; **15**: 243-246.

35 Willetts KE, Ekangaki A, Eden JA. Effect of a ginger extract on pregnancy-induced nausea: a randomised controlled trial. *Aust N Z J Obstet Gynaecol* 2003; **43**: 139-144.

36 Vutyavanich T, Kraisarin T, Ruangsri R. Ginger for nausea and vomiting in pregnancy: randomized, double-masked, placebo-controlled trial. *Obstet Gynecol* 2001; **97**: 577-582.

37 Firouzbakht M, Nikpour M, Jamali B, Omidvar S. Comparison of ginger with vitamin B6 in relieving nausea and vomiting during pregnancy. *Ayu* 2014; **35**: 289-293.

38 Saberi F, Sadat Z, Abedzadeh-Kalahroudi M, Taebi M. Effect of ginger on relieving nausea and vomiting in pregnancy: a randomized, placebo-controlled trial. *Nurs Midwifery Stud* 2014; **3**: e11841.

39 Fischer-Rasmussen W, Kjaer SK, Dahl C, Asping U. Ginger treatment of hyperemesis gravidarum. *Eur J Obstet Gynecol Reprod Biol* 1991; **38**: 19-24.

40 Mohammadbeigi R, Shahgeibi S, Soufizadeh N *et al*. Comparing the effects of ginger and metoclopramide on the treatment of pregnancy nausea. *Pak J Biol Sci* 2011; **14**: 817-820.

41 Basirat Z, Moghadamnia A, Kashifard M, Sarifi-Razavi A. The effect of ginger biscuit on nausea and vomiting in early pregnancy. *Acta Medica Iranica* 2009; **47**: 51-56.

42 Ensiyeh J, Sakineh MA. Comparing ginger and vitamin B6 for the treatment of nausea and vomiting in pregnancy: a randomised controlled trial. *Midwifery* 2009; **25**: 649-653.

43 Chittumma P, Kaewkiattikun K, Wiriyasiriwach B. Comparison of the effectiveness of ginger and vitamin B6 for treatment of nausea and vomiting in early pregnancy: a randomized double-blind controlled trial. *J Med Assoc Thai* 2007; **90**: 15-20.

44 Smith C, Crowther C, Willson K *et al*. A randomized controlled trial of ginger to treat nausea and vomiting in pregnancy. *Obstet Gynecol* 2004; **103**: 639-645.

45 Sripramote M, Lekhyananda N. A randomized comparison of ginger and vitamin B6 in the treatment of nausea and vomiting of pregnancy. *J Med Assoc Thai* 2003; **86**: 846-853.

46 Javadi EHS, Salehi F, Mashrabi O. Comparing the effectiveness of vitamin b6 and ginger in treatment of pregnancy-induced nausea and vomiting. *Obstetrics and gynecology international* 2013; **2013**. DOI: 10.1155/2013/927834.

47 Pongrojpaw D, Somprasit C, Chanthasenanont A. A randomized comparison of ginger and dimenhydrinate in the treatment of nausea and vomiting in pregnancy. *Journal-Medical Association of Thailand* 2007; **90**: 1703.

48 Biswas SC, Dey R, Kamliya GS *et al*. A single-masked, randomized, controlled trial of ginger extract in the treatment of nausea and vomiting of pregnancy. *International Medical Sciences* Academy 2011; **24**: 167-169.

49 Hashem Dabaghian F, Abdollahi Fard M, Shojaei A *et al*. Use and Attitude on Herbal Medicine in a Group of Pregnant Women in Tehran. *Journal of Medicinal Plants 2012*; **41:** 22-33.

50 Holst L, Wright D, Haavik S, Nordeng H. The use and the user of herbal remedies during pregnancy. *J Altern Complement Med* 2009; **15**: 787-792

51 Haniadka R, Saldanha E, Sunita V *et al*. A review of the gastroprotective effects of ginger (Zingiber officinale Roscoe). *Food Funct* 2013; **4**: 845-55.

52 Bagis T, Gumurdulu Y, Kayaselcuk F *et al.* Endoscopy in hyperemesis gravidarum and Helicobacter pylori infection. *Int J Gynaecol Obstet* 2002; **79**: 105-109.

53 McParlin C, O'Donnell A, Robson SC *et al.* Treatments for Hyperemesis Gravidarum and Nausea and Vomiting in Pregnancy: A Systematic Review. *JAMA* 2016; **316**: 1392-1401.

54 Yamahara J, Huang Q, Yuhao L *et al*. Gastrointestinal Motility Enhancing Effect of Ginger and Its Active Constituents. *Chemical and Pharmaceutical Bulletin* 1990; **38**: 430-431.

55 Pertz HH, Lehmann J, Roth-Ehrang R, Elz S. Effects of ginger constituents on the gastrointestinal tract: role of cholinergic M3 and serotonergic 5-HT3 and 5-HT4 receptors. *Planta Med* 2011; **77**: 973-978.

56 Rao AS, Camilleri M. Review article: metoclopramide and tardive dyskinesia. *Aliment Pharmacol Ther* 2010; **31**: 11-19.

57 Heitmann K, Nordeng H, Holst L. Safety of ginger use in pregnancy: results from a large population-based cohort study. *Eur J Clin Pharmacol* 2013; **69**: 269-277.

**Figure 1. Flowchart concerning the search and selection strategy**

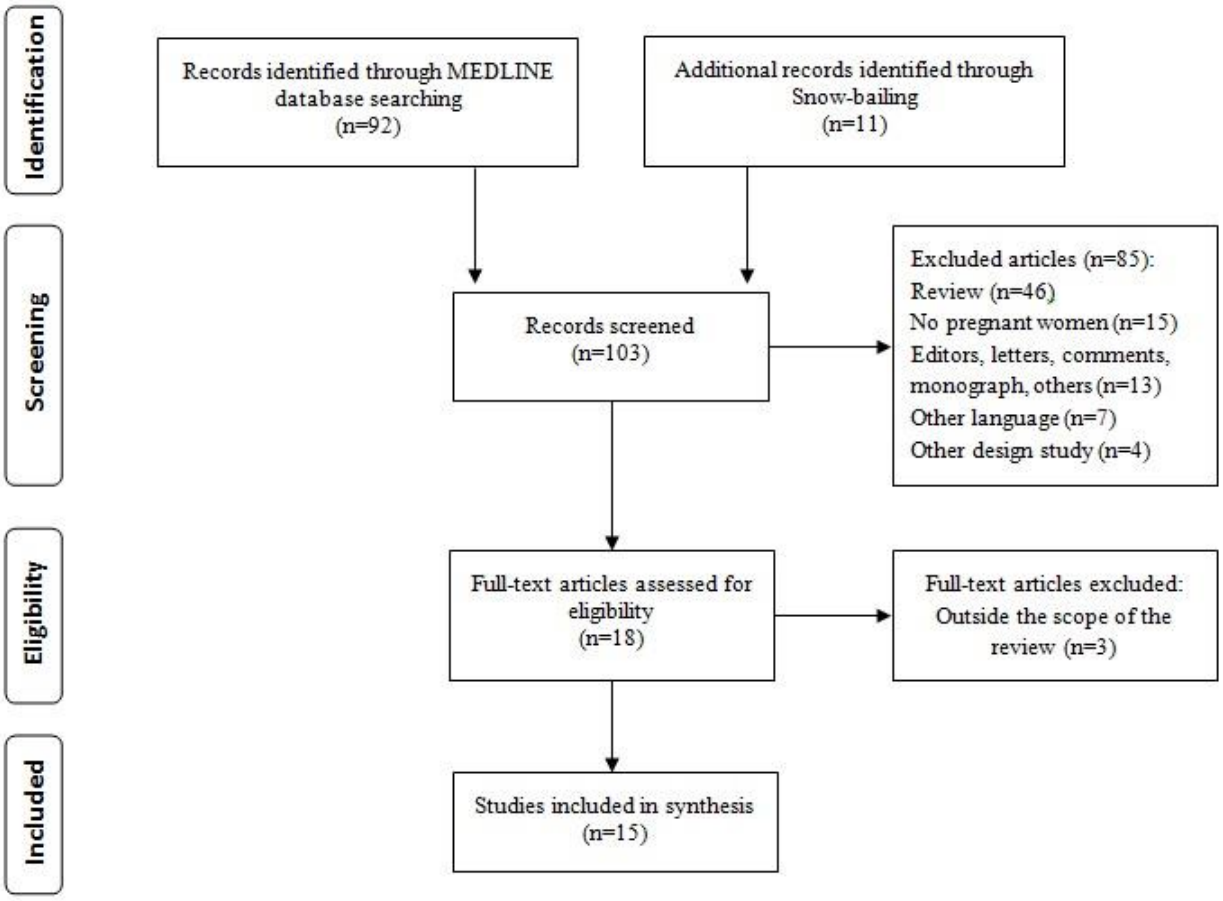


**Table 1. Studies included in the review with the use of placebo vs. ginger**

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Mohammadbeigi *et al.*, 2011.** | Randomized Double-blind controlled trial | Recruited=120<br><br>Randomized=102 pregnant woman (27.26 ± 3.79 years) from B'esat Hospital<br><br>GA < 20weeks<br><br>Inclusion criteria: with nausea and vomiting, simple pregnancy and inefficacy of food regimens in controlling vomiting and nausea<br><br>Exclusion criteria: suffering from other diseases that need drugs for treatment, side effects caused by ginger intolerance, metoclopramide side effects (extra pyramidal side effects) and pregnancy side effects like abortion risk, bleeding and pyelonephritis | Sample calculated= 28 per group<br><br>For data collection (24h before treatment):<br>- Demographic and background data questionnaire<br>- RINV<br><br>During treatment:<br>- RINV: 10 questionnaires were given to the women in order to be filled up twice a day | Capsules were similar in appearance<br><br>- MET group (n=34): each capsule contained 10 mg of metoclopramide<br><br>- Ginger group (n=34): each capsule contained 200 mg of ginger essence<br><br>- Placebo group (n=34): each capsule contained 200 mg of flour<br><br>3 capsules were prescribed daily for 5 days<br><br>Total mg/d:<br>MET 30 mg<br>Ginger 600 mg | Nobody were excluded from analysis during study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups<br><br>- MET group showed a lesser number of vomiting, nausea, RINV when compared to placebo group (p = 0.018; p = 0.011; p = 0.025; respectively);<br><br>- Ginger had a lesser median of vomiting, nausea, RINV compared to placebo (p = 0.046; p = 0.003; p = 0.004; respectively);<br><br>- The results for vomiting, nausea, RINV showed a non-significance between MET and ginger groups (p = 0.718; p = 0.683; p = 0.509; respectively). | NI |
| **Ozgoli et al., 2009** | Single Blind Clinical Trial Study | Recruited=NI<br><br>Randomized=70 pregnant woman (23.7±4.9 years) recruited from Isfaham City | Sample calculated=NI<br><br>For data collection (24h before | Capsules were similar in appearance | A total of 3 (4%) patients didn't complete the study | NI |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Multicentric | Hospitals<br><br>GA < 20weeks<br><br>Inclusion criteria: with mild and moderate nausea, with or without vomiting<br><br>Exclusion criteria: medical or surgical history, history of smoking or drug use | treatment):<br><br>- Demographic questionnaire<br>- Scale 0-10 (Fischer-Rasmussen et al.): severity of nausea and vomiting episodes were twice a day<br><br>During treatment:<br>- A 4-page questionnaire was given to each subject to be completed one page a day for four days<br><br>- After the first four days of treatment, a researcher interviewed the participant and completed the questionnaire based on the participant's responses to questions about general changes in nausea and vomiting, method of capsule use, and adherence to the | - Ginger group (n=32): each capsule contained 250mg of ginger root powder (Zintoma)<br><br>- Placebo group (n=35): each capsule contained lactose<br><br>4 capsules were prescribed daily for 4 days<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 1000 mg | No participant used any other non-prescription item during the four intervention days<br><br><u>After treatment:</u><br><br>- 26% of ginger sample and 10% of placebo sample, had no nausea intensity<br><br>- 9% of ginger sample and 17% of placebo sample, reported nausea intensity severe ($p<0.05$)<br><br>- Nausea intensity improved significantly in 84% of ginger group versus 56% of the placebo group ($p < 0.05$)<br><br>- 21.5% of the women in the placebo group and 9% of the ginger group had no change in the intensity of nausea<br><br>- 9% of the placebo group had a reduction in the incidence of vomiting, which was not significantly different, but the incidence of reduction in the ginger group was 50%, significantly different. | |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | dietary recommendations<br>- All women were advised to divide their food intake into frequent small meals, rich in carbohydrates and low in fat, and not to take any other medications outside the trial | | | |
| **Willetts *et al.*, 2003** | Randomized Double-blind controlled trial | Recruited = 264<br><br>Randomized = 120 pregnant woman (19-44 years) recruited from the antenatal clinic at the Royal Hospital for Women<br><br>GA < 20weeks<br><br>Inclusion criteria: morning sickness daily for at least a week and inefficacy of food regimens in controlling vomiting and nausea<br><br>Exclusion criteria: hospitalization for dehydration during the current pregnancy, significant medical problems | Sample calculated= 48 per group<br><br>For data collection (the day after the first visit):<br>- RINV<br><br>During treatment:<br>- RINV: record their symptoms an hour after each capsule was swallowed | Capsules were identical in appearance<br><br>- Ginger group (n=48): each capsule contained 125 mg of ginger extract – EV.EXT35 (equivalent to 1.5g of dried ginger)<br><br>- Placebo group (n=51): each capsule contained soya bean oil<br><br>4 capsules were prescribed daily for 4 consecutive days<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 500 mg | A total of 21 (17.5%) patients didn't complete the study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups, except from age<br><br>- 58% had nausea throughout the day with only 11% who had symptoms only in the morning<br><br>39% who participated had constant nausea and 58% reported vomiting episodes<br><br>- For both groups, there was a noticeable reduction in overall nausea experience score from baseline to day 1, which then appears to remain consistent through day 4 | - The birthweights, gestational ages and Apgar scores seen for the babies whose mothers participated were similar to those seen in the rest of the hospital population over the same period of time<br><br>- The rates of birth defects were similar to the general |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | (hypertension, epilepsy or diabetes) and known allergy to ginger<br><br>Women who had used ginger or prescription drug therapies for nausea were required to have a 3-day wash-out period prior to entering the study | | | - For nausea experience there was no significant difference between the ginger extract and placebo groups at baseline (p = 0.515 for treat)<br><br>- There was no significant difference between ginger extract and placebo groups for any of the vomiting symptoms<br><br>- For retching symptoms, the ginger extract group was shown to have significantly lower symptom scores than the placebo group for the first 2 days only (p<0.05)<br><br>- The main adverse event in this was reflux and heartburn | population and were all minor. |
| **Vutyavanich *et al.*, 2001** | Randomized Double-blind controlled trial | Recruited=88<br><br>Randomized=70 pregnant woman (28.48±5.6 years) recruited from the antenatal clinic at Maharaj Nakorn Chiang Mai University Hospital<br><br>GA<17weeks<br><br>Inclusion criteria: nausea with or without vomiting | Sample calculated=31 per group<br><br>For data collection (24h before treatment):<br>- VAS<br>- Record the number of vomiting episodes in the last 24h<br><br>During treatment:<br>- VAS: severity of | Capsules were similar in appearance<br><br>Both Ginger and placebo capsules were packed in an envelope<br><br>- Ginger group (n=32): each capsule contained 250 mg of ginger powder.<br><br>- Placebo group (n=35) | A total of 3 (4%) patients didn't complete the study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups<br><br>- In the ginger group (2.1±1.9) the median change in nausea scores was significantly greater than that in the placebo group (0.9±2.2) (p=0.014) compare day 1 to 4<br><br>- Intent-to-treat analysis showed a significantly greater reduction in | |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Exclusion criteria: medical disorders such as hepatitis or gastrointestinal diseases that might manifest with nausea and vomiting, mental health problems, used other medication in the past week that might aggravate or alleviate nausea or vomiting such as iron tablets or antiemetics, language or geographic barriers, unable to take the medication as prescribed, refused to participate in the trial; or were unable to return for a follow-up visit 1 week later | nausea was recorded twice daily at noon and at bedtime<br>- Record the number of vomiting episodes<br><br>- At 1-week follow-up, a Likert scale was used to assess treatment response<br>- All women were advised to divide their food intake into frequent small meals, rich in carbohydrates and low in fat, and not to take any other medications outside the trial | 4 capsules were prescribed during 4 consecutive days after meals and before a bedtime<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 1000 mg | nausea scores in the ginger group(3.5±2.5) than in the placebo group (2.0±3.4) only on day 4 of treatment (p=0.0348)<br><br>- 12/32 (37.5%) women in the ginger group had vomiting after 4 days of treatment and was significantly less (p=0.021) than that women in the placebo group 23/35 (65.7%)<br><br>Likert scale:<br><br>- 28/32 (87.5%) ginger-treated women reported that their symptoms improved, compared with only 10/35 (28.6%) in the placebo group (p<0.001)<br><br>- Headache occurred in five women (14.3%) in the placebo group and six (18.8%) in the ginger group. One patient in the ginger group had abdominal discomfort, one had heartburn, and another had diarrhea for 1 day. These side effects were reported as minor and did not preclude them from taking their prescribed medication | |
| **Firouzbakht *et al.*, 2016** | Randomized Double-blind | Recruited=NI<br><br>Randomized=120 pregnant | Sample calculated=NI<br><br>For data collection | Capsules were coded and packet in similar | A total of 23 (19%) patients didn't complete the study | NI |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | controlled trial<br><br>Multicentric | woman (24.77±4.8 years) recruited from health centers in Amol/Iran.<br><br>GA < 20weeks<br><br>Inclusion criteria: nausea with or without vomiting and age between 18-35 years<br><br>Exclusion criteria: suffering from diseases or problems such as high blood pressure, epilepsy, diabetes, known sensitivity to ginger, hospitalization due to severe nausea and vomiting and also those with no possibility to be followed-up were excluded from the study | (24h before treatment):<br>- VAS<br>- Recording the frequency of nausea and vomiting in the last 24h with a plus sign (+)<br><br>During treatment:<br>- VAS<br>- Recording the frequency of nausea and vomiting in daily with a plus sign (+)<br><br>One week after the drug administration, a Likert scale, was used to assess treatment response.<br><br>- All women given information regarding proper diet and avoiding of high-fat food intake | appearance.<br><br>- Ginger group (n=24): each capsule contained 250mg of ginger root powder (Zintoma)<br><br>- B6 group (n=35): each capsule contained 40mg of vitamin B6<br><br>- Placebo group (n=28): each capsule contained 40mg of sugar.<br><br>1 capsule each 6h were prescribed daily for 4 consecutive days.<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 1000 mg<br>Vitamin B6 160 mg<br>Placebo 160 mg | - No differences about demographic characteristic between groups<br><br>- No difference showed before treatment for severity of nausea [ginger (6±3.3), B6 (5.8±3.7) and placebo (5.21±3.15)] and frequency of vomiting [ginger (4.16±2.14), B6 (1.49±1.17) and placebo (5.02±1.17)]; however all groups reduced the values after the treatment for severity of nausea [ginger (0.8±0.4, p<0.001), B6 (0.88±0.54, p<0.001) and placebo (3.01±2.07, p<0.001)] and frequency of vomiting [ginger (0.89±0.47, p<0.001), B6 (0.88±0.5, p=0.022) and placebo (0.49±0.13, p=0.13)]<br><br>Likert scale:<br><br>- The most part of patients for ginger (60.6%) and B6 (61%) reduced the severity of symptoms and 18.3%, 8.8% the patients worsened for respective groups. Although for placebo group 42.7% reduced and the values for patients worsened and continuous with the symptoms were similar (32.2%, 25.1%, respectively). | |
| **Saberi *et al.*, 2014** | Randomized controlled | Recruited=431 | Sample calculated=33per | Capsules were similar in | A total of 14 (12%) patients didn't | NI |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | trial | Randomized=120 pregnant woman (26.71±4.76) recruited from the Prenatal Care Unit of Naghavi Hospital Kashan<br><br>GA < 16 weeks<br><br>Inclusion criteria: nausea without or with mild to moderate vomiting, being a volunteer, gestational age less than 16 weeks, singleton pregnancy, reading and writing ability, no digestive disease, no history of treatment with other antiemetic medication within the last three weeks and residency in Kashan.<br><br>Exclusion criteria: not complete the forms, side effects from consuming ginger capsules, subjects who were advised that the treatment was not effective and that they needed further treatment, and subjects who vomited more than five times per day | group<br><br>For data collection:<br>- RINV<br><br>During treatment:<br>- RINV: questionnaires were given to the women in order to be filled up every 12h<br><br>- All women were advised to divide their food intake into frequent small meals, rich in carbohydrates and low in fat, and not to take any other medications outside the trial.<br><br>- The researcher contacted every participant twice during the study: in the fourth day to answer the women's questions in the three groups and to ask them to start the recommended method | appearance.<br><br>- Ginger group (n=37): each capsule contained 250mg of ginger root powder (Zintoma)<br><br>- Placebo group (n=36): each capsule contained lactose<br><br>- Control group (n=33)<br><br>3 capsules were prescribed daily for 4 days.<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 750 mg<br><br>- No intervention was made during the first three days and then both placebo and ginger groups received four days treatment | complete the study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups except from age of marriage and wanted or unwanted pregnancy<br><br>-The total RINV score was significantly greater in the ginger group (8.5±4.75) than in the placebo (1.96±4.02) and control (-1.34±3.88) groups, p=0.001. When stratified this scale the means of reduction for vomiting, nausea and retching in the ginger group was 2.52±2.41, 3.86±2.35 and 2.15±1.62 respectively; placebo group was 0.2±2.24, 1.26±1.57 and 0.45±1.60 respectively and control group was 0.97±2.24, -0,33±1.74 and -0.34±1.26 respectively. | |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | and in the seventh day to request that they return the RINV forms for evaluation of their responses to the treatment | | | |
| **Basirat *et al.*, 2007** | Randomized Double-blind controlled trial | Recruited=NI<br><br>Randomized=65 pregnant woman (19-35 years) recruited from the antenatal clinic of Yahyanejad hospital<br><br>GA between 7-17 weeks<br><br>Inclusion criteria: nausea and vomiting, weight within 20% of normal weight at the beginning of pregnancy<br><br>Exclusion criteria: coexistence of other diseases that might manifest with vomiting such as thyroid disease, history of gastroenteritis, or gastrointestinal disease, infections, multiple pregnancy, hyperemesis gravidarum, trophoblastic | Sample calculated=NI<br><br>For data collection (24h before treatment):<br>- VAS<br>- Record the number of vomiting episodes<br><br>During the treatment:<br>- VAS: severity of nausea was recorded daily at bedtime.<br>- Record the number of vomiting<br><br>At 1-week follow-up, a Likert scale was used to assess treatment response | Biscuits were identical looking and both were packed in a similar envelope<br><br>- Ginger group (n=32): each biscuit 500mg of ginger powder was incorporated<br><br>- Placebo group (n=30)<br><br>5 biscuits daily for 4 days. Time of consumption was based on patient's demand, especially when they experienced nausea<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 2500mg | A total of 3 (4.6%) patients didn't complete the study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups<br><br>- The ginger group showed a significantly greater values before and in the end of the treatment than placebo group (2.57±1.77 vs 1.39±1.62; p=0.01)<br><br>- For the baseline and the average until the end of the treatment ginger (5.88±1.83, 2.57±1.77) and placebo (4.67±1.97, 1.39±1.62) groups showed significant differences (p=0.008, p=0.010, respectively)<br><br>- The number of vomiting episodes before and in the end of the treatment in the ginger group (0.96 ± 0.21) and in the placebo group (0.62 ±0.19) was not significant (p=0.243) | - No abnormal pregnancy and delivery outcome ocurred and no infants had any congenital abnormalities recognized and all were discharged in good condition. |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | disease and psychological disorders, used other medication that might aggravate or alleviate nausea or vomiting such antiemetics, iron tablets during last week | | | - 11/32 (34%) women in the ginger group had no vomiting versus 6/30 (18%) in the placebo group<br><br>Likert scale<br><br>- 27/32 (84%) women in the ginger group reported felt "much better", compared with 17/30 (57%) women in the placebo group, and the difference between the groups was significant (p=0.043) | |
| **Fischer-Rasmussen *et al.*, 1990** | Randomized Double-blind cross-over trial | Recruited=6700<br><br>Randomized=30 pregnant woman (18-39 years) recruited from department of obstetrics and gynecology of Hvidore Hospital<br><br>GA<20 weeks<br><br>Inclusion criteria: hyperemesis and in whom the symptoms persisted after 2 days, the first severity score should mount up 10 points or more for including the patient, their condition should allow oral intake of capsules<br><br>Exclusion criteria: diseases | Sample calculated=NI<br><br>For data collection:<br>- Severity score<br><br>During the treatment:<br>- Relief score (day 5): for the evaluation of an effect of treatment<br>- Severity score (day 6)<br>- Relief score and preference to treatment period I or II (day 11)<br><br>- Other antiemetic medication was withdrawn, but parenteral fluids were | The woman who received ginger in the first treatment period in the second received placebo and vice versa. Each woman was her own control<br><br>- Capsules of ginger containing 250mg of ginger powder<br><br>- Capsules of placebo containing 250mg of lactose | A total of 3 (10%) patients didn't completed the study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups<br><br>Relief scores:<br><br>- Ginger to placebo period I and II: 4.1, -0.1<br><br>- Placebo to ginger period I and II: 0.9, 3.7<br><br>- The ginger treatment period had a significantly greater relief in the symptoms when compared to placebo treatment period (p=0.035), the difference obtained especially was by a reduced number of attacks of vomiting | - 1 woman had a spontaneous abortion in the 12th week of gestation<br><br>-The mean birth weight was 3585 g (range 2450-5150 g)<br><br>-The mean gestational age at delivery was 39.9 weeks (range 36-41 weeks)<br><br>-All infants were without |

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | that might manifest with gastrointestinal symptoms such gallbladder or liver disease, duodenal ulcer, pancreatitis, and not follow the study protocol | allowed to be continued | | and of decreased nausea<br><br>- 19 (70.4%) women related preferred the ginger period and 4 (14.8%) preferred the placebo treatment (p=0.003). In addition, 4 (14.8%) were unable to state any preference | deformities and discharged in good conditions<br><br>-All had Apgar scores of 9-10 after 5 min. |

GA – Gestational Age; MET – Metformine; NI – No Information; VAS - Visual analogue scale; RINV – Rhodes Index for Nausea and Vomiting.

**Table 2. Studies included in the review with the use of vitamin B6 vs. ginger**

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Ensiyeh *et al.*, 2008** | Randomized Double-blind controlled trial | Recruited=80<br><br>Randomized=70 pregnant woman (24.6±4.05 years), recruited from the antenatal clinic at Fatemieh Hospital<br><br>GA ≤ 17 weeks<br><br>Inclusion criteria: first attendance at clinic and had experience with nausea with or without vomiting<br><br>Exclusion criteria: medical disorders such as hepatitis or gastrointestinal diseases that might manifest with nausea and vomiting, mental health problems, used other medication that might aggravate or alleviate nausea or vomiting. Nausea or vomiting, such as iron tablets or antiemetics; refused to participate in the trial; or were unable to return for a follow-up visit 1 week later | Sample calculated= 31 per group<br><br>For data collection (24h before treatment):<br>- VAS<br>- Record the number of vomiting episodes in the last 24h<br><br>During treatment:<br>- VAS: severity of nausea was recorded three times daily<br>- Record the number of vomiting episodes<br><br>At 1-week follow-up, a Likert scale was used to assess treatment response<br>- All women were advised to divide their food intake into frequent small meals, rich in carbohydrates and low in fat, and not to take any other medications | Both B6 and Ginger capsules were packed in an envelope containing eight capsules<br><br>- Ginger group (n=35): each capsule contained 500 mg of ginger powder<br><br>- B6 group (n=34): each capsule contained 20 mg of vitamin B6<br><br>Two capsules were prescribed daily, after breakfast and dinner for 4 days<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 1000 mg<br>B6 40 mg | A total of 11 (14%) patients didn't complete the study<br><br>- No differences about baseline characteristics between groups<br><br>- The median change in nausea score (baseline minus average post-therapy nausea score) in the ginger group (2.2±1.9) was significantly greater (p= 0.024) than that in the vitamin B6 group (0.9±1.7)<br><br>- There was no significant difference in the overall change in the number of vomiting episodes between the groups<br><br>Likert scale:<br><br>- In the ginger group, 29/35 (82.8%) women reported an improvement in their symptoms, compared with 23/34 (67.6%) women in the vitamin B6 group (p = 0.52) | - Two spontaneous abortions in the ginger group and one in the B6 group (p<0.05)<br><br>- Term birth occurred in 29/35 (82.9%) subjects in the ginger group and 28/34 (82.4%) in the B6 group<br><br>- No babies had any congenital anomalies and all were discharged in good conditions. |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Chittumma *et al.*, 2007** | Randomized Double-blind controlled trial<br><br>Multicentric | Recruited=NI<br><br>Randomized=126 pregnant woman (24.1±5.2 years), recruited from the antenatal clinic in Bangkok Metropolitan Administration Medical College and Vajira Hospital<br><br>GA ≤ 16 weeks<br><br>Inclusion criteria: with nausea with or without vomiting<br><br>Exclusion criteria: hyperemesis gravidarum used other medication that might aggravate or alleviate nausea or vomiting such as iron tablets or anti-emetics, unable to take oral capsules, medical disorders such as hepatitis or gastrointestinal diseases that might manifest with nausea and vomiting, language or geographic barriers | Sample calculated=57 per group<br><br>For data collection (24h before treatment):<br>- RINV modified (Gideon, 2001)<br><br>During treatment:<br>- RINV modified: severity of the symptoms was recorded once daily<br>- Occurrence of the side effect (drowsiness, heartburn, palpitation, and mouth dryness)<br><br>- Patients were requested to return the day after completing their medication to assess their responses to treatment.<br>- All women were advised to divide their food intake into frequent small meals, rich in carbohydrates and low in fat, and not to take any other medications | Capsules were identical in appearance<br><br>Both B6 and Ginger capsules were packed in an envelope containing 24 capsules<br><br>- Ginger group (n=61): each capsule contained 325 mg of ginger powder<br><br>- B6 group (n=62): each capsule contained 12.5 mg of vitamin B6<br><br>2 capsules were prescribed 3 times daily before meals for 4 days<br><br>Total mg/d:<br>Ginger 1950 mg<br>B6 75 mg | A total of 3 (2%) patients didn't complete the study<br><br>- No differences about baseline characteristics between groups<br><br>- Both ginger group (8.7±2.2 before treatment and 5.4±2.0 post treatment) and B6 group (8.3±2.5 before treatment and 5.7±2.3 post treatment) improved nausea and vomiting scores from the baseline<br><br>- The average score change of nausea and vomiting in the ginger group was more than in the B6 group (3.3±1.5 versus 2.6±1.3), and was statistically significant (p=0.042)<br><br>- 95.1% the patients in the ginger group and 96.8% in the B6 group had 100% compliance<br><br>- Four patients in the ginger group and eight patients in the B6 group took other medications or other ginger products during the treatment. | NI |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Smith *et al.*, 2004** | Randomized controlled equivalence trial | Recruited=NI<br><br>Randomized=291 pregnant woman (29±5.3 years), recruited from The Women's and Children's Hospital<br><br>GA between 8-16 weeks<br><br>Inclusion criteria: with nausea or vomiting<br><br>Exclusion criteria: dehydration, if there were reasons to suspect their symptoms were not the result of pregnancy, allergy to ginger or vitamin B6. The previous use of antiemetics, ginger, or vitamin B6 did not exclude entry to the trial. Women could continue to use any existing medication or other measures other than ginger or vitamin B6 during the trial, and a record of use was made at the start and end of the trial | Sample calculated = 113 per group<br><br>For data collection:<br>- RINV: severity of the symptoms was recorded once daily for 3 days<br><br>During treatment:<br>- RINV: severity of the symptoms was recorded in the 7, 14 and 21 day of the treatment<br><br>- Occurrence of any side effects and adverse pregnancy outcome. The standard definitions of pregnancy outcome from the South Australian Health Commission Pregnancy Outcome<br><br>Unit were used to examine the incidence of pregnancy outcome between study groups | All capsules were contained in an opaque brown soft gel capsule<br><br>- Ginger group (n=120): each capsule contained 350 mg of ginger powder<br><br>- B6 group (n=115): each capsule contained 25 mg of vitamin B6<br><br>3 capsules were prescribed daily for 21 days<br>Total mg/d:<br>Ginger 1050 mg<br>B6 75 mg | A total of 56 (19%) patients didn't completed the study<br><br>- No differences about baseline characteristics between groups<br><br>- Ginger was therapeutically equivalent to vitamin B6 for improving nausea, dry retching, and vomiting ($p<0.001$)<br><br>- 66 (53%) women reported an improvement taking ginger, and 69 (55%) reported an improvement with vitamin B6 (relative risk 0.97; 95% CI 0.77, 1.21)<br><br>- At the end of the intervention, the use of antiemetics was reported by 51 women (20%) | - 12 (4.1%) spontaneous abortion in the first or second trimester, 3 (1%) women experienced a stillbirth, and there were no neonatal deaths<br><br>- In total, 9 babies (3%) were born with congenital abnormality. Among women receiving ginger, 3 babies were born with a congenital abnormality, and in the vitamin B6 group, 6 babies were born with a congenital abnormality. |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Sripramote *et al.*, 2003** | Randomized Double-blind controlled trial<br><br>Multicentric | Recruited = NI<br><br>Randomized = 138 pregnant woman (22.1±5.53 years), recruited from the antenatal clinic in Bangkok Metropolitan Administration Medical College and Vajira Hospital<br><br>GA ≤ 16 weeks<br><br>Inclusion criteria: nausea with or without vomiting and requested antiemetics<br><br>Exclusion criteria: medical disorders such hepatitis or gastrointestinal diseases, taken other medication in the past week that might aggravate or alleviate nausea or vomiting, mental health problems, language or geographic barriers, hospitalizes for hyperemesis gravidarum or refused to participate in the trial | Sample calculated = 67 per group<br><br>For data collection:<br>- VAS<br>- Record the number of vomiting episodes<br><br>During treatment:<br>- VAS: record the severity of nausea and vomiting 3 times daily in the morning, at the noon and at bedtime.<br>- Record the number of vomiting episodes<br>- Occurrence of the side effect (drowsiness, heartburn, palpitation, and mouth dryness)<br><br>- All women were advised to divide their food intake into frequent small meals, rich in carbohydrates and low in fat, and not to take any other medications or other ginger preparation outside the trial<br><br>- They were asked to return in one week<br><br>- Compliance was assessed by monitoring the attendance at schedule | Capsules were similar in appearance<br><br>Both B6 and Ginger capsules were packed in an envelope<br><br>- Ginger group (n=64): each capsule contained 500 mg of ginger powder<br><br>- B6 group (n=64): each capsule contained 10 mg of vitamin B6<br><br>3 capsules were prescribed daily before meals for 3 days.<br>Total mg/d:<br>Ginger 1500 mg<br>B6 30 mg | A total of 10 (7%) patients didn't complete the study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups<br><br>- Both groups showed improvement of nausea symptom during the 3-day treatment<br><br>- The mean score change from baseline in the ginger group was 1.4±2.22, which was significantly different ($p<0.001$) and in the B6 group was 2.0± 2.19, which was significantly different ($p<0.001$)<br><br>- The difference of average score change on day 1-3 when comparing the two groups was 0.6 (95% CI -1.4, 0.2), a non-significant difference ($p=0.136$)<br><br>- Baseline compared to 3 day treatment both groups showed reduction in vomiting episodes<br><br>- The mean of vomiting episode change in the ginger group was 0.7± 2.18, was significantly different ($p=0.003$) and B6 group was 0.5±1.44, ($p=0.008$)<br><br>- After 3-day ginger treatment, the number of patients with vomiting was less than those in the B6 group:<br><br>28/64 (43.8%) *versus* 38/64 (59.4%) ($p=0.146$). | NI |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Javadi *et al.*, 2013** | Randomized clinical trial<br><br>Multicentric | Recruited=NI<br><br>Randomized=102 pregnant woman (26.5±4.1 years) recruited from the health centers of University of Medical Sciences of Qazvin<br><br>GA < 17 weeks<br><br>Inclusion criteria: singleton pregnancy with nausea<br>Exclusion criteria: background disease such urinary tract infection, gastrointestinal, hepatic, biliary, bloodclotting, thyroid, diabetes or hypertension diseases, taking any kind of drugs, suffering from hyperemesis gravidarum, food intolerance and history of recent hospitalization due to pregnancy-induced nausea, allergenic to ginger, and with twin or molar pregnancies | Sample calculated=46 per group<br><br>For data collection:<br>- MPUQE<br><br>During the treatment:<br>- MPUQE: once a day | Ginger group (n=47): each capsules contained 250mg of ginger<br><br>B6 group (n=48): each capsules contained 40mg of vitamin B6<br><br>The ginger group would receive 4 capsules daily and B6 group would receive 2 capsules daily both groups for 4 days<br>Total mg/d:<br>Ginger 1000mg<br>B6 80mg | A total of 7 (6.8%) patients didn't completed the study<br><br>- No differences between demographic characteristic between groups<br><br>- MPUQE total scores was significant between ginger and B6 group before and in the end of the treatment (9.80±2.03, 6.28±1.63, p<0.001; 9.35±1.97, 5.98±1.45, p<0.001, respectively)<br><br>- The means was not significant changes between the groups for before and the fourth day the treatment (p=0.172 and p=0.290, respectively)<br><br>- Number of retching times in vitamin B6 group was more reduced; however, this reduction was not statistically significant (p=0.333)<br><br>- Comparing between the groups the number of occurrence of nausea (p=0.158) and its duration (p=0.148) no significant difference. | NI |

GA – Gestational Age; NI – No Information; B6 – Vitamin B6; VAS - Visual analogue scale; RINV – Rhodes Index for Nausea and Vomiting; CI – Confiance risk; MPUQE – Montherisk Pregnancy-Unique Quantification of Emesis and nausea.

**Table 3. Studies included in the review with medications vs. ginger**

| Reference | Design | Population | Methods | Intervention | Results | Childrens |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Pongrojpaw *et al.*, 2007** | Randomized Double-blind controlled trial | Recruited=NI<br><br>Randomized=170 pregnant woman (27.11±5.55 years), recruited from the antenatal clinic Thammasat University Hospital<br><br>GA < 16 weeks<br><br>Inclusion criteria: with nausea and vomiting<br><br>Exclusion criteria: clinical dehydration, gastrointestinal diseases, unable to take oral capsules, unable to return for one week follow up, had known allergy to ginger or dimenhydrinate, used other medication that might aggravate or alleviate nausea or vomiting, refused to participate in the trial | Sample calculated=NI<br><br>For data collection (24h before treatment):<br>- VAS<br>- Record the number of vomiting episodes in the last 24 hours<br><br>During treatment:<br>- VAS: severity of nausea was recorded twice daily<br>- Record the number of vomiting episodes | Capsules were identical in appearance<br><br>- Ginger group (n=77): each capsule contained 500 mg of ginger powder<br><br>- DIM group (n=74): each capsule contained 50 mg of dimenhydrinate<br><br>2 capsules were prescribed daily for 7 days<br>Total mg/d:<br>Ginger 1000 mg<br>DIM 100 mg | A total of 19 (11%) patients don't completed the study, and them were excluded from analysis final<br><br>- No differences about baseline characteristics between groups<br><br>- After adjusting the variation of the difference nausea score and vomiting times before the treatment in both groups, the mean of nausea score in day 1-7 of the treatment were decreased in both groups<br><br>- DIM group showed a lesser number of vomiting in the day 1-2 when compared to ginger group with statistical significance ($p<0.05$), but after day 3-7, the daily mean vomiting times in both groups were not statistically different ($p>0.05$). | NI |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Biswass *et al.*, 2011** | Randomized Single-blind controlled trial<br><br>Multicentric | Recruited=NI<br><br>Randomized=78 pregnant woman (22.2±3.76 years) recruited from.<br><br>GA between 6-16 weeks<br><br>Inclusion criteria: morning sickness without having received any treatment earlier for the same<br><br>Exclusion criteria: multiple gestation, gestational trophoblastic disease, hyperemesis gravidarum, ovarian cyst, gastroesophageal reflux disease or other forms of acid peptic disorders, chronic or serious diseases of major organs o if the containing food, spices, or beverages, or taking medication other than those permitted, not follow the study protocol | Sample calculated=NI<br><br>For data collection:<br>- VAS<br><br>During the treatment:<br>- VAS: severity of nausea and vomiting were record in the each visits and about the last week<br>- The subjective feeling of well-being was assessed as a binary (yes/no) variable at each visit<br>- Record the number of vomiting episodes<br><br>The follow-up visits happened at the end of first and second weeks | - Ginger group (n=34): each capsule contained 150mg of dried ginger (LHR-2445AE)<br><br>- DOX group (n=29): each capsule contained 10mg of doxalamine+10mg of pyridoxine (DOXANATE)<br><br>For the ginger group 3 capsules were prescribed daily, and fro DOX group were prescribed 2-3 capsules daily, both for 21<br>Total mg/d:<br>Ginger 450mg<br>DOX 40-60mg | A total of 15 (19.23%) patients didn't complete the study<br><br>- No differences about demographic characteristic between groups<br><br>- Both groups had the decrease in the severity of nausea and vomiting, this decrease was statistically significant when comparing the baseline with the time of the second follow-up visit<br><br>- Vomiting scores in particular showed a precipitous decline, with the median values tending towards 0 at study end in both groups<br><br>- Both groups had an considerably reduced in the nausea severity but the symptom persisted at study end<br><br>- In the baseline, 25 (73.53%) the women in the ginger group said feeling well-being and 17 (58.62%) in the DOX group. At the study end 27 (79.41%) the woman in the ginger group said feeling well-being and 29 (58.62%) in the DOX group. | NI |

GA – Gestational Age; NI – No Information; VAS - Visual analogue scale; DIM – Dimenhydrinate; DOX – Doxanate.

**Table 4. Quality score of studies included**

| Author & Year | Purpose, hypothesis clear & appropriate | Methods clear & appropriate measures | Sample size is given | Randomization used | Attrition rate recorded | Data analysis rigorous | Outcomes clearly described | Ethical issues addressed | Total Score (max 8) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **B6** | | | | | | | | | |
| Ensiyeh *et al.*, 2008 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0.5 | 1 | 1 | 7.5 |
| Chittumma *et al.*, 2007 | 1 | 1 | 1 | 0.5 | 1 | 1 | 1 | 1 | 7.5 |
| Smith *et al.*, 2004 | 1 | 0.5 | 1 | 1 | 0.5 | 1 | 1 | 1 | 7 |
| Sripramote *et al.*, 2003 | 1 | 1 | 1 | 0.5 | 1 | 1 | 1 | 1 | 7.5 |
| Javadi *et al.*, 2013 | 1 | 0.5 | 1 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 5 |
| **PLACEBO** | | | | | | | | | |
| Mohammadbeigi *et al.*, 2011 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0.5 | 7.5 |
| Ozgoli et al., 2009 | 1 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 1 | 0.5 | 1 | 5.5 |
| Willetts *et al.*, 2003 | 0.5 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0.5 | 0.5 | 1 | 6.5 |
| Vutyavanich *et al.*, 2001 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Firouzbakht *et al.*, 2016 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 1 | 0.5 | 1 | 1 | 5.5 |
| Saberi *et al.*, 2014 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Basirat *et al.*, 2007 | 0.5 | 1 | 0.5 | 0.5 | 1 | 0.5 | 1 | 1 | 6 |
| Fischer-Rasmussen *et al.*, 1990 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 1 | 1 | 1 | 0.5 | 1 | 6 |
| **OTHER** | | | | | | | | | |
| Pongrojpaw *et al.*, 2007 | 0.5 | 0.5 | 1 | 0.5 | 0.5 | 1 | 1 | 1 | 6 |
| Biswass *et al.*, 2011 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 0.5 | 1 | 1 | 0.5 | 1 | 5.5 |

**Supplementary Material.** Describe of the methods used by the articles included in the systematic review

| Method of evaluation of symptoms | Description | Author | Articles with methodology |
|---|---|---|---|
| Rhodes Index 5 items | The index include 5 items (duration of nausea, frequency of nausea, distress from nausea, frequency of vomiting, amount of vomiting), 5-point Likert scale. Assesses symptoms in the last 12 hours. | Rhodes, 1984 | Mohammadbeigi (2011) |
| Rhodes Index Form 2 | The index include 8 items that described the signs using a Likert scale ranging from mild (zero) to very severe (four) with a maximum total score of 32. Assesses symptoms in the last 12 hours | Rhodes, 1999 | Smith (2004)<br>Willetts (2003)<br>Saberi (2014) |
| Rhodes Index Modified | This method used the correlation with all components Rhodes index form 2 plus two simpler scoring systems, one with three (length of nausea, number of episodes of nausea and number of vomits) and one with five physical symptoms (length of nausea, number of episodes of nausea and number of vomits, number of retching and the volume of vomits) | Gideon, 2001 | Chittumma (2007) |
| Scoring system | This method was develop from authors and is contain scores to evaluate duration of vomiting and numbers of vomiting attacks per day | Self-made score | Fischer-Rasmussen (1991)<br>Ozgoli (2009) |

| | | | |
|---|---|---|---|
| VAS | This scale consist in to grade the severity of nausea over the past 24 hours (baseline score) by marking an asterisk corresponding to their perceived state on a 10-cm vertical line, ranging from 0 (no nausea) to 10 (nausea as bad as it could be). | | Ensiyeh (2008)<br>Pongrojpaw (2007)<br>Firouzbakht (2016)<br>Basirat (2007)<br>Biswass (2011)<br>Sripramote (2003)<br>Vutyavanich (2001) |
| MPUQE | The MPUQE scoring system include times of feeling of nausea during a day, number of occurrences of vomiting during a day, and number of retches during a day. The results are scored on a 1-5 scale, and the score 6 or lower was considered as mild, 7 to 12 as moderate, and 13 or higher as severe symptoms | Koren, 2002 | Javadi (2013) |

VAS - Visual analogue scale; MPUQE – Montherisk Pregnancy-Unique Quantification of Emesis and nausea.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

Esta revisão sistemática nos permitiu analisar criticamente os estudos incluídos. As atuais evidências sobre a segurança e o efeito antiemético do gengibre mostraram que este exerce uma atividade positiva na redução das náuseas e êmese gestacionais. Este composto mostrou-se efetivo sem grandes efeitos adversos e efeitos teratogênicos. Apesar da heterogeneidade entre estes estudos, o gengibre pode ser considerado um antiemético alternativo para o tratamento de náusea e vômitos em gestantes. Com base nestas considerações, fica a perspectiva da realização de ensaios clínicos randomizados que foquem a eficácia e segurança com diferentes doses do gengibre durante a gestação.

## ANEXO A – NORMAS DA REVISTA AUSTRALIAN AND NEW ZEALAND JOURNAL OF OBSTETRICS AND GYNAECOLOGY

### MANUSCRIPT SUBMISSION

Thank you for your interest in *The Australian and New Zealand Journal of Obstetrics and Gynaecology (ANZJOG)*. Please read the complete Author Guidelines carefully prior to submission, and ensure that you have adhered to all requirements. To facilitate prompt peer review and publication, manuscripts that do not adhere to the following instructions will be returned to the corresponding author for technical revision.
Note that submission implies that the content has not been published or submitted for publication elsewhere, except as a brief abstract in the proceedings of a scientific meeting or symposium.

Once you have prepared your manuscript in accordance with these Guidelines, submissions can be made online at **http://mc.manuscriptcentral.com/anzjog**

### EDITORIAL CONSIDERATIONS

#### Aims and Scope

*ANZJOG* is an editorially independent publication owned by the Royal Australian and New Zealand College of Obstetricians and Gynaecologists (RANZCOG).

*ANZJOG* aims to provide a medium for the publication of original contributions to clinical practice and/or research in all fields of obstetrics and gynaecology and related disciplines. Very few articles pertaining only to animal research are published in the Journal. Articles are peer reviewed by clinicians or researchers expert in the field of the submitted work. From time to time, the journal will also publish abstracts from the RANZCOG Annual Scientific Meeting and meetings of relevant special interest groups, where the accepted abstracts have undergone a suitable peer review acceptance process. The Editor welcomes the submission of Original Manuscripts, Short Communications, Letters to the Editor and Opinion pieces. Systematic reviews and shorter expert reviews will generally be by invitation from the Editor although suggestions for review topics are welcome. *ANZJOG* aims to provide authors with an initial response, (Accept, Reject or Revision) within six weeks of receipt of a manuscript that adheres to these Guidelines.

**Peer Review**

Except where otherwise stated, manuscripts are peer reviewed by two anonymous reviewers. The Editor and Publisher reserve the right to modify manuscripts to eliminate ambiguity and repetition, and to improve communication between author and reader. The Editorial Board reserves the right to refuse any material for publication.

**Research Ethics Approval**

All manuscripts that report investigations involving human subjects must include a statement regarding institutional Ethics Committee approval within the Methods section. The institutional Ethics Committee that approved the research must be identified and the approval number supplied and cited in the manuscript.

Whilst it is recognised that there may be some national variations, guidance for authors can be found in 'National Statement on Ethical Conduct in Human Research' **https://www.nhmrc.gov.au/guidelines-publications/e72** and in 'When does quality assurance in health care require independent ethical review? Advice to Institutions, Human Research Committees and Health Care Professionals' **https://www.nhmrc.gov.au/guidelines-publications/e46** published by the National Health and Medical Research Council of Australia (NHMRC). This issue has also been addressed in an Editorial in this journal (*Aust N Z J Obstet Gynaecol* 2003; **43:** 189).
When examining the question of whether or not a study is research requiring institutional ethics committee review or quality review that does not require such institutional ethics committee review, researchers and authors are advised to read the paper by the NHMRC on this subject: **https://www.nhmrc.gov.au/guidelines-publications/e46**. Whilst the NHMRC is an Australian body, rather than an international body, the ANZJOG Editorial Board has viewed this document as a reasonable standard to work from in the sometimes-difficult area of the need (or otherwise) for institutional ethical committee review in audit. This paper has nine, quite simple questions that will assist with the decision; in the event that a decision is made that a study is a quality review that does not require institutional ethics committee approval, a statement in the Methods section, such as '*As this review conforms to the standards established by the NHMRC for ethical quality review, ethics approval was not sought.*' (and referencing the above document) would be appropriate.

Any experiments involving animals must be demonstrated to be ethically acceptable and, where relevant, conform to the Australian National Guidelines for animal usage in research, which can be found at **https://www.nhmrc.gov.au/guidelines-publications/ea28**.

**Authorship**

Each author must have participated sufficiently in the work to take public responsibility for the content. This participation must include: (i) conception or design of the study, or analysis and interpretation of data, or both; (ii) drafting the article or revising it for critically important intellectual content; and (iii) approval of the final 'to be published' version. All authors must take responsibility for the integrity of the work. Participating solely in the collection of data does not justify authorship. Please note that review of articles cannot proceed until a letter of submission, stating that all authors satisfy these requirements, and signed by all authors, is received. Once a manuscript has been accepted for submission, no further authors may be added to the work. ANZJOG does not provide dual First Authorship for manuscripts. This journal requires all manuscripts to be submitted electronically, with a signed letter of submission attached as a scanned .pdf file.

**Conflict of Interest Statement**

Authors must identify potential conflicts of interest, whether of financial or other nature. All sources of financial support for the research, including provision of supplies and services from a commercial organisation, must be listed on the title page, as should all institutional or corporate affiliation of the authors(s). Authors must also disclose any commercial affiliations, whether or not they are a source of funding. The letter of submission must specifically identify any financial involvement (eg. employment, direct payments, stock holdings, retainers, consultantships, patent-licensing arrangements, honoraria) within the past five years with a commercial organisation that might have any potential interest in the subject or materials discussed in the manuscript. If authors are uncertain as to the perception of a possible conflict of interest, full disclosure of competing interests at the time of manuscript submission is required. Financial information will be held in confidence during the review process so as not to influence it. If the paper is considered acceptable, the Editor will decide the extent to which disclosure is important for the readership, as well as the form of such disclosure, and will so notify the corresponding author. Competing interests will not necessarily disqualify a manuscript from publication.

**Plagiarism Detection**

*ANZJOG* screens all submitted manuscripts with antiplagiarism software, iThenticate. If a significant commonality between a submitted manuscript and prior publications is identified on this initial software screening, the submission will be subject to a manual review for copyright breach. Whilst it is recognised that most submitted manuscripts will have similar phrases and wording in various sections, the extensive reproduction of previously published works (excluding quotations) including those of the author(s) will result in immediate rejection. Such unauthorised duplication of prior published work is regarded as a serious breach of copyright.

## MANUSCRIPT CATEGORIES AND REQUIREMENTS

### *Original Articles*

*Original Articles s*hould not exceed 2500 words, have no more than 30 references, up to four tables or figures and should be arranged under the usual headings of Abstract (structured, and less than 250 words), Introduction, Materials and Methods, Results, Discussion and References.

Randomised clinical trials, including a structured abstract, must be written in accordance with the CONSORT standards:
CONSORT statement:
**www.consort-statement.org/consort-statement/overview0/**
An extended explanation of the CONSORT requirements is available: **www.bmj.com/cgi/content/full/340/mar23_1/c869**
Authors are advised to adhere to the 25-item CONSORT checklist: **www.consortstatement.org/consort-statement/overview0/#checklist** and to include a figure outlining the flow of participants:
**www.consort-statement.org/consort-statement/overview0/#flow**

**Clinical trials**

All randomised clinical trials must be prospectively registered with a public clinical trials registry (eg.**www.anzctr.org.au** and **www.clinicaltrials.gov**) and a copy of the clinical trial registration number included in the Abstract and Materials and Methods section of the manuscript. It is advised that this registration be completed prior to recruitment commencing. Authors submitting material based upon animal research are advised to provide clear linkage to clinical implications in the Introduction and/or the Discussion.

***Short Communications***

*Short Communications* should be between 1000 and 1500 words, have no more than 20 references, have a short unstructured abstract of up to 100 words, and have no more than two tables or figures. It is possible that articles submitted as full-length may be considered to be more appropriate as *Short Communications*.

***Letters to the Editor***

*Letters to the Editor* should not exceed 500 words. Short, relevant comments on medical and scientific issues, particularly controversies, are encouraged. Where letters refer to an earlier published paper, authors will be offered right of reply (no more than 500 words). Letters will be published under the sub-category of Correspondence, which appears under the generic category of *Letters to the Editor*. The submission must be accompanied by a signed cover letter.

***Case Reports***

*ANZJOG no longer accepts case reports.*

**Reviews**

The journal publishes high-quality review material covering both medical research and practice. Reviews will usually be requested by specific invitation from the Editorial Board. *ANZJOG* does not typically encourage the submission of unsolicited reviews. Authors wishing to submit reviews should first check with the Editor for suitability of the proposed topic. Comprehensive and short reviews are considered. Papers in this category will be considered as Original Research articles. PRISMA and CONSORT standards are suggested to authors for guidance in this category: **www.consort-statement.org/**

Review categories include:

- ***Comprehensive Reviews*** of up to 3500 words and 30-100 references
- ***Short Reviews*** of up to 1500 words and 20 references
- ***Clinical Perspectives*** are practical updates of management in major medical disorders of up to 2000 words and 20 references
- ***Systematic Reviews*** with a maximum length of 3500 words and up to 100 references

**Current Controversies**

Current Controversies will contain no more than 1500 words and 20 references. In general, two differing viewpoints will be published in the one issue of ANZJOG, at the invitation of the Editor.

***Opinions***

Opinions will contain no more than 2000 words and 20 references. These should be well-argued, dealing with topics of clinical or research interest in obstetrics and gynaecology.

***Position Papers***

*Position Papers* look at major management issues from authoritative specialist societies. These will usually be condensed versions or extracts of larger published statements and will run to a maximum of 1500 words and 20 references. Background material relating to specific recommendations should, as far as possible, appear as explanatory notes after each recommendation, rather than in a separate background statement.

## PREPARATION OF MANUSCRIPTS

### Optimising Your Article for Search Engines

Many students and researchers looking for information online will use search engines such as Google, Yahoo or similar. By optimising your article for search engines, you will increase the chance of someone finding it. This in turn will make it more likely to be viewed and/or cited. We have compiled **these guidelines** to enable you to maximise the web-friendliness of the most public part of your article.

### Pre-submission English-language editing

Authors for whom English is a second language may choose to have their manuscript professionally edited before submission to improve the English. **Visit Wiley's site** to learn about the options. All services are to be paid and arranged by the author. Please note, using the Wiley English Language Editing Service does not guarantee that your paper will be accepted by this journal. *ANZJOG* **strongly**suggests that manuscripts from non-English speaking authors be reviewed by a person skilled in English grammar and expression prior to journal submission.

**Style and Format**

Authors are expected to follow these instructions on manuscript preparation: failure to do so will result in return of the manuscript for reformatting.

**Formatting:** Manuscripts must be typed, double-spaced in 12p, Times New Roman font. Page numbers and line numbers are not to be used, as these are added automatically.

**Spelling: *ANZJOG* uses UK-based English grammar and all manuscripts must be submitted using this form of English language.** Spelling must conform to the *Macquarie Australian Dictionary*.

**Measurements:** All measurements must be given in SI units, as outlined in the latest edition of *Units, Symbols and Abbreviations: A Guide for Medical and Scientific Editors and Authors* (Royal Society of Medicine Press, London). Statistics and measurements should always be given in numerals (ie. 10 mm), except where the number begins a sentence. When a number does not refer to a unit of measurement, it is spelt out, except where the number is greater than nine.

**Abbreviations** should be used sparingly and only where they ease the reader's task by reducing repetition of long, technical terms. Initially use the word in full, followed by the abbreviation in parentheses. Thereafter use the abbreviation. Abbreviations such as eg and ie must only be used in parentheses. Do not use abbreviations in Abstracts.

**Drugs** should be referred to by their generic names, rather than brand names.

**Parts of the Manuscript**

The manuscript must be submitted in separate files: title page; main text file; tables; figures.

**Title page**

The title page should be submitted as a separate file that contains the following:
(i) Concise title. Make titles as precise and specific as possible and ensure they contain the major key words. The title should not contain abbreviations.
(ii) Author names, positions and institutional affiliations. The full names of the authors should be included with the family name by which that author will be referenced, identified by the use of upper case letters. Position titles of all authors at their respective institutions/places of employment should be included, along with details of the institutions at which the work was carried out, including the department, institution, email address, city and country. The present address of any author, if different from that where the work was carried out, should be supplied in a footnote.
(iii) Corresponding author details. The corresponding author must be indicated with their full postal and email address, and telephone number included.

(iv) Acknowledgements. Acknowledgement of grants and other sources of funds will appear after each article, including a frank declaration of the authors' industrial links/affiliations. Other contributions that fall short of the requirements for authorship may also be acknowledged.

**First Page**

This is the first page of the Main Text and must contain:
(i) Title
(ii) Short title (running head) not exceeding 50 characters (including spaces).
(iii) A word count of the abstract and main text.
(iv) Table and/or figure count
(v) Keywords - Five key words must be supplied and should be taken from those recommended by the US National Library of Medicine's Medical Subject Headings (MeSH) browser list at **www.nlm.nih.gov/mesh/meshhome.html**.

**Abstract**

The next page of the Main Text will contain the Abstract.
Each *Original Manuscript* should carry a structured abstract of no more than 250 words presented in the following form:

*Background*: Brief statement of relevant work or clinical situation, and hypothesis, if applicable.
*Aims*: Brief statement of the overall aim.
*Materials and Methods*: Laboratory or other techniques used, including statistical analysis. Outcome measures clearly stated.
*Results*: Statistically significant results and relevant negative data cited.

*Conclusions*: Referable to the aims of the study and may include suggestions for future action.

*Short Communications* should have an unstructured abstract of no more than 100 words.

**Main text**

As papers are double-blind peer reviewed, the main text must not include any information that identifies the authors.
This section of the manuscript should contain the main text, followed by any table/figure legends and conclude with references. Tables and figures must be submitted as separate files. Authors should consider the use of appropriate subheadings to label sections of their manuscript. The Materials and Methods section must carry a statement confirming clearance of the study by an approved institutional ethics committee. Statistical methods used must be specified.

**References**

• In the text, references are to be cited using superscript Arabic numerals in the order in which they appear.

• If cited only in tables or figure legends, number them according to the first identification of the table or figure in the text.
• In the reference list, the references must be numbered and listed in order of appearance in the text.
• Cite the names of all authors when there are four or less; when five or more, list the first three followed by *et al.*
• Reference to unpublished data and personal communications should appear in the text only.
• Do not use Endnote, footnotes or any other referencing tool.

• PubMed (**www.ncbi.nlm.nih.gov/PubMed**) is the standard that must be used for referencing.

• Authors are responsible for the accuracy of references.

References are to be listed in the following form:

*Journal article*

1 Court, K.A., Dare, A.J., Weston-Webb, M., et al. Establishment of lipiodol as a fertility treatment – Prospective study of the complete innovative treatment data set. *Aust N Z J Obstet Gynaecol* 2014; **54**: 13–19.

*Online Article Not Yet Published in an Issue*

An online article that has not yet been published in an issue (therefore has no volume, issue or page numbers) can be cited by its Digital Object Identifier (DOI). The DOI will remain valid and allow an article to be tracked even after its allocation to an issue.

2 Williams K, Galerneau F. Maternal transcranial Doppler in pre-eclampsia and eclampsia. Ultrasound Obstet Gynecol 2003. DOI: 10.1002/uog.83.

*Book*

2 Kaufmann HE, Baron BA, McDonald MB, Waltman SR (eds). The Cornea. New York: Churchill Livingstone; 1988.

*Chapter in a Book*

3 McEwen WK, Goodner IK. Secretion of tears and blinking. In: Davson H (ed.). The Eye, Vol. 3, 2nd edn. New York: Academic Press; 1969; 34–78.

*Electronic material*

5 Cancer-Pain.org [homepage on the internet]. New York: Association of Cancer Online Resources, Inc.; c2000–01 [Cited 2015 May 11]. Available from: www.cancer-pain.org/.

**Tables**

Tables must be submitted as a separate Word document. They should be self-contained and complement, but not duplicate, information contained in the text. Tables should be numbered consecutively in Arabic numerals, with a descriptive, self-explanatory title above the table. Column headings should be brief, with units of measurement in parentheses. All abbreviations should be explained in a footnote. Tables should be double-spaced and vertical lines should not be used to separate columns. Footnotes should be designated by symbols in the following

order: †, ‡, §, etc; significance values should be indicated by *, **, ***, etc. The use of colour is encouraged in the illustration of Tables.

**Figures**

All illustrations (line drawings and photographs) are classified as figures. Figures should be cited in consecutive order in the text. Magnifications should be indicated using a scale bar on the illustration. Lettering must be included and should be sized to be no larger than the journal text. The use of colour is encouraged in the illustration of Figures. Each figure must be saved as a separate file (.tif or .jpg) with a resolution of no less than 300dpi. Digital images supplied only as low-resolution files cannot be used. Advice on figures can be found at Wiley's guidelines for preparation of figures:
**http://authorservices.wiley.com/bauthor/illustration.asp**

**Legends**

Legends should be self-explanatory and included in the main text. The legend should incorporate definitions of any symbols used, and all abbreviations and units of measurement should be explained.

**SUBMISSION REQUIREMENTS**

Manuscripts must be submitted online at **http://mc.manuscriptcentral.com/anzjog**
• **Cover letter:** A signed cover letter must be provided, which includes a statement regarding the contribution of each author to the intellectual planning of the project, carrying out of the experimental work, intellectual analysis of the data, and writing of the paper. The cover letter must be signed by all authors and saved as a.pdf file. Manuscripts with unsigned cover letters will not be accepted.
• Two Word files need to be included upon submission: A title page file and a main text file that includes all parts of the text in the sequence indicated in the section 'Parts of the manuscript', and excluding tables/figures, which must be supplied separately.

• Each figure must be supplied as a separate file, with the figure number incorporated in the file name. For submission, low-resolution figures saved as .jpg or .bmp files should be

uploaded, for ease of transmission during the review process. Upon acceptance of the article, high-resolution figures (at least 300dpi) saved as .eps or .tif files will be required.

• Care must be taken to provide a correct and functioning email address for each author. In the event that a manuscript is accepted, and an address bounces, we will be unable to publish it until we are able to contact all authors.

**COPYRIGHT, LICENSING AND ONLINE OPEN**

Accepted papers will be passed to Wiley's production team for publication. The author identified as the formal corresponding author for the paper will receive an email prompting them to log in to Wiley's Author Services, where via the Wiley Author Licensing Service (WALS) they will be asked to complete an electronic license agreement on behalf of all authors of the paper.

Authors may choose to publish under the terms of the journal's standard copyright transfer agreement (CTA), or under open access terms made available via Wiley OnlineOpen.

**Standard Copyright Transfer Agreement:** FAQs about the terms and conditions of the standard CTA in place for the journal, including standard terms regarding archiving of the accepted version of the paper, are available at: **Copyright Terms and Conditions FAQs.**
Note that in signing the journal's licence agreement, authors agree that consent to reproduce figures from another source has been obtained.

**OnlineOpen – Wiley's Open Access Option:** OnlineOpen is available to authors of articles who wish to make their article freely available to all on Wiley Online Library under a Creative Commons license. With OnlineOpen, the author, the author's funding agency, or the author's institution pays a fee to ensure that the article is made open access. Authors of OnlineOpen articles are permitted to post the final, published PDF of their article on their personal website, and in an institutional repository or other free public server immediately after publication. All OnlineOpen articles are treated in the same way as any other article. They go through the journal's standard peer-review process and will be accepted or rejected based on their own merit.
***OnlineOpen licenses.*** Authors choosing OnlineOpen retain copyright of their article and have a choice of publishing under the following Creative Commons License terms: Creative Commons Attribution License (CC BY); Creative Commons Attribution Non-Commercial

License (CC BY NC); Creative Commons Attribution Non-Commercial-NoDerivs License (CC BY NC ND). To preview the terms and conditions of these open access agreements, please visit the **Copyright Terms and Conditions FAQs.**

**Funder Open Access and Self-Archiving Compliance:** Please **click here** for more information on Wiley's compliance with specific Funder Open Access and Self Archiving Policies, and **click here** for more detailed information specifically about Self-Archiving definitions and policies.

## PUBLICATION PROCESS AFTER ACCEPTANCE

### Wiley's Author Services

Author Services enables authors to track their article through the production process to publication online and in print. Authors can check the status of their articles online and choose to receive automated emails at key stages of production. The corresponding author will receive a unique link that enables them to register and have their article automatically added to the system. Please ensure that a complete email address is provided when submitting the manuscript. Visit **http://www.authorservices.wiley.com/** for more details on online production tracking and for a wealth of resources, including FAQs and tips on article preparation, submission and more.

### Proofs

Once the paper has been typeset, the corresponding author will receive an email alert containing instructions on how to provide proof corrections to the article. It is therefore essential that a working email address is provided for the corresponding author. Proofs should be corrected carefully; responsibility for detecting errors lies with the author.

### Early View

The journal offers quick publication via Wiley's Early View service. Early View articles are complete full-text articles published online in advance of their publication in a printed issue. Early View articles are complete and final. They have been fully reviewed, revised and edited for publication, and the authors' final corrections have been incorporated. Because they are in final form, no changes can be made after online publication. Early View articles are given a Digital Object Identifier (DOI), which allows the article to be cited and tracked before allocation to an issue. After print publication, the DOI remains valid and can continue to be

used to cite and access the article. More information about DOIs can be found at **www.doi.org/faq.html**.

## POST PUBLICATION

### Article PDF for authors

A .pdf of the article will be made available to the corresponding author via Author Services.

### Printed Offprints

Printed offprints may be ordered online for a fee. Please click on the following link and fill in the necessary details and ensure that you type information in all required fields: **http://offprint.cosprinters.com/cos**. If you have queries about offprints please email: **offprint@cosprinters.com**.

### Author Marketing Toolkit

The **Wiley Author Marketing Toolkit** provides authors with support on how to use social media, publicity, conferences, multimedia, email and the web to promote their article.